

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

DISSERTAÇÃO

A força da mulher em prosa e verso: de Alencar às rainhas do *R.A.P.*, *hip-hop* e *slam*

Alessandra Marques da Silva Fagundes

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**A FORÇA DA MULHER EM PROSA E VERSO: DE ALENCAR ÀS RAINHAS
DO R.A.P., HIP-HOP E SLAM**

ALESSANDRA MARQUES DA SILVA FAGUNDES

Sob a orientação do Prof. Dr.

Marcos Estevão Gomes Pasche

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do **Título de Mestra em Letras**, no Curso de Mestrado Profissional em Letras, área de concentração em Linguagens e Letramentos.

Seropédica, RJ

Junho de 2020

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F151f Fagundes, Alessandra Marques da Silva, 1973-
A força da mulher em prosa e verso: De Alencar às
rainhas do R.A.P., Hip hop e Slam / Alessandra
Marques da Silva Fagundes. - Rio de Janeiro, 2020.
107 f.

Orientador: Marcos Estevão Gomes Pasche.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROFLETRAS, 2020.

1. Literatura. 2. José de Alencar. 3. R.A.P.. 4.
HIP HOP. 5. SLAM. I. Pasche, Marcos Estevão Gomes,
1981-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. PROFLETRAS III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

ALESSANDRA MARQUES DA SILVA FAGUNDES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Letras, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de concentração em Linguagens e Letramentos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 25/06/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Estevão Gomes Pasche (UFRRJ)

Orientador

Prof. Dr. Ana Crélia Penha Dias (UFRJ)

Avaliador externo

Prof. Dr. Claudia Barbieri Masseran (UFRRJ)

Avaliador interno

SEROPÉDICA – 2020



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO, ADMINISTRAÇÃO E
CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

Emitido em 2020

TERMO Nº 365/2020 - PROFLET (12.28.01.00.00.00.78)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 23/10/2020 17:47)

CLAUDIA BARBIERI MASSERAN

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptLCS (12.28.01.00.00.00.87)

Matrícula: 2425348

(Assinado digitalmente em 23/10/2020 16:08)

MARCOS ESTEVAO GOMES PASCHE

PROFESSOR DO MAGISTERIO

SUPERIOR DeptLCS

(12.28.01.00.00.00.87)

Matrícula: 1966277

(Assinado digitalmente em 23/10/2020 18:32)

ANA CRELIA PENHA DIAS

ASSINANTE EXTERNO

CPF: 026.374.957-66

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrj.br/documentos/> informando seu número:

365, ano: **2020**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **23/10/2020** e o código de verificação: **378026a35d**

À minha família

Ainda que eu falasse a língua dos homens

E falasse a língua dos anjos

Sem amor, eu nada seria.

I Coríntios 13

AGRADECIMENTOS

A Deus por fazer de mim uma pessoa persistente e não me permitir jamais deixar de sonhar;

Aos meus pais, Nilson e Paula que nunca duvidaram da minha capacidade;

Ao meu irmão Carlos, meu primeiro professor, meu alfabetizador, meu amigo, meu parceiro;

Ao meu marido Helton, pelo apoio, pelos ouvidos e pela paciência nos momentos mais difíceis;

Ao meu filho Vinícius, minha vida, meu amor, meu maior fã;

Aos demais amigos e familiares que emprestaram seus ouvidos para que eu falasse sobre meu projeto incansavelmente;

Aos meus colegas de trabalho que também me ouviram falar com insistência sobre as alegrias e as tristezas do mestrado e me energizaram com suas dicas e conselhos que foram bastante úteis;

À direção da Escola Estadual Municipalizada Olavo Bilac que gentilmente consentiu que este projeto fosse desenvolvido dentro da Unidade Escolar;

Aos meus queridos alunos da turma 901 que aceitaram participar de todos os eventos que foram propostos durante o desenvolvimento deste projeto;

Aos meus colegas da turma V do ProfLetras, pelos momentos inesquecíveis, os trabalhos, os almoços maravilhosos, as festas temáticas, os abraços e o apoio mútuo que ocorria sempre que alguém se sentia desmotivado. Amizade para a vida toda;

Ao Victor que tanto nos ajudou na parte burocrática do ProfLetras, sempre muito gentil e solícito;

Aos meus professores Marli, Gérson, Maria do Rosário, Adriana, Mikaela, Ângela, Roza, Gilson e Wagner por todo o ensinamento que nos trouxeram;

As professoras Ana Crélia e Cláudia Barbieri que muito auxiliaram com seus apontamentos durante o período da qualificação;

Ao meu orientador Marcos, que me encantou desde suas aulas ímpares de literatura brasileira, abrindo seu “HD externo”. Que memória excepcional, quanta delicadeza ao nos ensinar, fato que me fez tomar a feliz decisão de escolhê-lo para me acompanhar até o fim desta jornada;

A minha sincera gratidão a todos vocês.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001

RESUMO

FAGUNDES, Alessandra Marques da Silva. **A força da mulher em prosa e verso: de Alencar às rainhas do R.A.P., hip-hop e slam.** 2020. 107p Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Comunicação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

Este trabalho tem como tema norteador o “empoderamento” feminino. O objeto de estudo são textos dos gêneros romance e poesia, aplicados aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Seropédica, município do Estado do Rio de Janeiro. O trabalho iniciou-se pela diagnose sobre afinidades e conhecimentos literários dos estudantes. Partindo-se das orientações programáticas da rede de ensino para os três últimos bimestres do ano letivo, optou-se por trabalhar com o romance de José de Alencar *Senhora*, que destaca forte personagem feminina mesmo diante do patriarcalismo recorrente nesta obra. Posteriormente, com a intenção de valorizar o gênero poema, após compartilhamento de vídeos e textos que abordavam o tema feminismo e os estilos musicais R.A.P e *hip hop*, os alunos fizeram atividades com letras de canções dos referidos gêneros e participaram de um *workshop* de criação de *R.A.P.* e *hip hop*, para que pudessem enfim, apresentar suas produções durante evento de culminância na unidade escolar em uma batalha *poetry slam*, sempre mantendo o tema norteador como foco de estudo durante todo o segundo semestre do ano letivo. Como embasamento teórico para este estudo pode-se destacar CANDIDO (2005), CALVINO (1993), LAJOLO, ZILBERMAN (1999) no que concerne à importância da literatura como formação e da leitura, inclusive de textos canônicos; SENA (2013) acerca da vida e obra de José de Alencar, em especial de sua trilogia feminina; RIBEIRO (2018) sobre estudos com o tema feminismo.

Palavras-chave: empoderamento; José de Alencar; *R.A.P.*; *hip hop*; *slam*

ABSTRACT

FAGUNDES, Alessandra Marques da Silva. **The strength of the woman in prose and verse: from Alencar to the queens of the R.A.P., hip-hop and slam.** 2020. 107p Dissertation (Master Science in Languages). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Comunicação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

This work has as its guiding theme the feminine "empowerment". The object of study are texts of the genres romance and poetry, applied to the students of the 9th year of elementary school of the Municipal Network of Seropédica, municipality of the State of Rio de Janeiro. The work was started by the diagnosis about affinities and literary knowledge of the students. Starting from the programmatic orientations of the teaching network for the last three bimesters of the school year, we chose to work with the novel by José de Alencar Senhora, which highlights a strong female character even in the face of the recurrent patriarchy in this work. Later, with the intention of valuing the poem genre, after sharing videos and texts that addressed the theme feminism and the musical styles R.A.P and hip hop, the students did activities with lyrics of songs of these genres and participated in a workshop to create R.A.P. and hip hop, so that they could finally present their productions during a culmination event in the school unit in a poetry slam battle, always keeping the guiding theme as the focus of study throughout the second semester of the school year. As a theoretical basis for this study, can be highlighted by CANDIDO (2005), CALVINO (1993), LAJOLO, ZILBERMAN (1999) regarding the importance of literature as training and reading, including canonical texts; SENA (2013) about the life and work of José de Alencar, especially his female trilogy; RIBEIRO (2018) on studies on the theme feminism.

Keywords: empowerment; José de Alencar, *R.A.P.*, *hip hop*; *slam*.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: “Você gosta de ler?” _____	20
Gráfico 2: “Que tipo de leitura você costuma fazer?” _____	20
Gráfico 3: “Se pudesse escolher um gênero literário, qual seria? _____	21
Gráfico 4: “Ao ler algum poema, o que você sente?” _____	21
Gráfico 5: “Você já ouviu falar de algum desses escritores brasileiros?” _____	22
Gráfico 6: “O que você acha de ler textos de autores clássicos como os citados acima?” _____	23

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Questionário diagnóstico _____	19
Imagem 2: Dados sobre o feminicídio _____	19
Imagem 3: Negra Li _____	36
Imagem 4: Karol Conká _____	38
Imagem 5: Nega Gizza e MV Bill _____	39
Imagem 6: Dina Di _____	43
Imagem 7: Mc Soffia _____	45
Imagem 8: Escola Estadual Municipalizada Olavo Bilac _____	47
Imagem 9: Turma 901 _____	48
Imagem 10: Exibição de trechos da novela <i>Essas Mulheres</i> _____	52
Imagem 11: Exibição de trechos da novela <i>Essas Mulheres</i> _____	53
Imagem 12: 1ª Etapa da leitura do livro <i>Senhora</i> _____	54
Imagem 13: 1ª Etapa da leitura do livro <i>Senhora</i> _____	54
Imagem 14: 2ª Etapa da leitura do livro <i>Senhora</i> _____	55
Imagem 15: 3ª Etapa da leitura do livro <i>Senhora</i> _____	56
Imagem 16: Exibição de vídeos _____	59
Imagem 17: Exibição de vídeos _____	60
Imagem 18: <i>Slam das Minas</i> _____	63
Imagem 19: Badu conversa com a turma _____	66
Imagem 20: Seleção de palavras-chave para trabalhar métrica e ritmo _____	67
Imagem 21: Proposta de criação de rimas _____	68
Imagem 22: Aluno mostra sua produção _____	69
Imagem 23: Produção de aluno _____	69
Imagem 24: Produção de aluno _____	70
Imagem 25: Produção de aluno _____	71
Imagem 26: Turma 901 e o <i>rapper</i> Badu _____	72
Imagem 27: Parte da plateia _____	74
Imagem 28: Aluna apresentando <i>slam</i> _____	75
Imagem 29: Aluno apresentando <i>slam</i> _____	76
Imagem 30: Anúncio do resultado da batalha _____	77
Imagem 31: Relato de aluno _____	78

Imagem 32: Relato de aluno _____	79
Imagem 33: Relato de aluno _____	80
Imagem 34: Relato de aluno _____	81
Imagem 35: Matriz de Competências do século XXI _____	85

LISTA DE ANEXOS

<i>Marcela Temer</i> : bela, recatada e “do lar”. Revista Veja. Edição de 18 de abril de 2016, reportagem de Juliana Linhares _____	94
<i>Bela, recatada e do lar</i> : matéria da ‘Veja’ é tão 1792. Carta Capital. Edição de 20 de abril de 2016, artigo de Djamila Ribeiro _____	97
<i>O mito da mulher moderna</i> por Djamila Ribeiro _____	99
Produções dos alunos _____	101
<i>Nunca foi sorte</i> (Luísa Sonza) _____	102
<i>Respeita as mina</i> (Kell Smith) _____	104
<i>Dona de mim</i> (IZA) _____	106

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Iniciativa	15
1.2 Problema	27
1.3 Referencial Teórico	28
1.3.1 Romantismo	28
1.3.2 As mulheres alencarianas	29
1.3.3 Senhora	31
2. A MULHER MODERNA	33
3. A VISÃO DO ADOLESCENTE SOBRE O EMPODERAMENTO FEMININO	34
4. PROTAGONISTAS CONTEMPORÂNEAS	35
5. A ESCOLA	46
6.A TURMA 901	48
7. METODOLOGIA	49
8. APLICAÇÃO SENHORA	51
8.1 1ª Etapa da Leitura	53
8.2 2ª Etapa da Leitura	55
8.3 3ª Etapa da Leitura	55
9. AS TRÊS ONDAS DO FEMINISMO	57
10. APLICAÇÃO – MULHERES CONTEMPORÂNEAS: R.A.P. E HIP-HOP	58
11. O MOVIMENTO <i>POETRY SLAM</i>	60
11.1. <i>Slam</i> das Minas	62
12. POESIA – RITMO E MÉTRICA	63
13. OFICINA DE CRIAÇÃO DE R.A.P.	66
14. PRODUÇÃO DE POEMAS	72
15. APRESENTAÇÃO DO SLAM	73
16. AVALIAÇÃO DO TRABALHO	78
17. CONCLUSÃO	82
18. BIBLIOGRAFIA	87

1.INTRODUÇÃO

1.1. Iniciativa

Os estudos de obras clássicas da Literatura Brasileira não são comuns no segundo segmento do Ensino Fundamental. Por uma obrigatoriedade do currículo escolar, apenas o Ensino Médio tem acesso aos nomes canônicos da nossa Literatura, apesar de constarem nas Orientações Programáticas do município de Seropédica os gêneros conto e crônica no 3º bimestre e romance, no 3º e 4º bimestres, tais obras, por vezes não são adotadas, sendo preteridas por textos mais modernos.

Lajolo e Zilberman (1999, p.25-26) nos trazem os dados históricos acerca da formação da leitura no Brasil, ressaltam em seu livro homônimo que os papéis de *leitor* e *leitura* só existem “enquanto papel de materialidade histórica” e “ enquanto prática coletiva”, respectivamente, dentro de uma sociedade burguesa, capitalista, após as revoluções dos séculos XVIII e XIX.

Tal sociedade capitalista, que segue os padrões patriarcais, moldada como manda a burguesia e baseada em ideais “familistas”, com laços sólidos de integração entre seus membros. “A família é a miniatura da sociedade idealizada pela burguesia, pois contrapõe à força da ideologia que a sustenta a fragilidade de seu poder político.”

Em tal modelo familiar instaura-se o gosto pela leitura, como um “lazer doméstico privado”. O “saber ler” era garantia de uma boa formação religiosa, pois permitia acessar os textos bíblicos e também de acesso à informação com a leitura dos jornais da época.

A difusão da leitura deu-se também por ser uma atividade de lazer barata e acessível a todo aquele que estivesse apto a ler. E sendo atividade recreativa, apresenta um receptor com desejos e gostos particulares que deverão ser atendidos pelo emissor dos textos, de modo a socializá-lo dentro de sua comunidade comunicativa.

Assim, o leitor nacional formou-se com os escritos de Joaquim Manuel de Macedo e Manuel Antônio de Almeida, ainda segundo Lajolo e Zilberman (1999, p. 28) que utilizavam artifícios como conduzir a leitura para os caminhos previstos pelo autor ou fazer retomadas de trechos do texto como modo de cativar e prender o leitor ou mesmo simular reações de tristeza ou de alegria no leitor, dando-lhe a sensação de estar ele mesmo conduzindo a história lida com maestria.

Conforme Antônio Cândido (2004, p.175), a literatura “não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais(...)”. Essa afirmação pode até alarmar a quem a recebe, mas adiante, Cândido explica que a literatura é um transformador da personalidade e ainda, no meio escolar “o livro chega a gerar conflitos, porque seu efeito transcende as normas pré-estabelecidas.”

E o que seriam as tais “normas pré-estabelecidas”? Regina Zilberman (1988 p.9-10) traz à tona a relação que o aluno tem com a leitura por imposição da política governamental. O consumo de livros impressos é baixo, por fatores que incluem baixo poder aquisitivo e a influência de fontes audiovisuais de comunicação em massa, como a Internet, por exemplo. Assim, ainda segundo Zilberman, a leitura converte-se em obrigação. “O Estado precisa prover os leitores com livros, equipando bibliotecas e escolas; o professor deve fazer com que os alunos leiam e gostem; aos editores compete baratear os preços das obras publicadas: é necessário combater e eliminar o analfabetismo. (p.9).” Essa é uma engrenagem que precisa estar em pleno funcionamento, pois disso amarra vários fatores como o incentivo à leitura, a descoberta do prazer pela leitura e a continuidade desse fluxo se mantém com a aplicação de preços justos aos livros, o que possibilita que mais pessoas possam participar dessa atividade.

Cecília Bajour em seu livro *Ouvir nas Entrelinhas*, ressalta no capítulo “O que a promoção da leitura tem a ver com a escola?”(p. 76-87), que a leitura para o estudo está sempre relacionada a uma obrigação e faz-se necessário que se promova, também na escola este ato por prazer, como uma “atividade sagrada”, “livre”, mas que este possa trazer uma ressignificação da leitura escolar, mediada, como algo produtivo e afável.

A obrigatoriedade de leitura é reafirmada no texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A unidade básica da linguagem verbal é o texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz e, a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização e a realização do ato linguístico. (...)

O processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral. (Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, p.18)

Sobre a escola incide a maior responsabilidade acerca da formação do leitor. Políticas públicas voltadas ao estímulo à leitura não são novidade, podendo ser citados o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), projeto que tem como objetivo levar obras literárias para

as escolas públicas; Política Nacional de Leitura e Escrita = Lei Castilho(PNLE), voltada à estratégias para contribuir com a leitura, a escrita e o direito ao acesso às bibliotecas; Plataforma Pró-Livro, que é um meio digital para apresentar e compartilhar experiências e projetos para a formação o leitor. Ainda assim o país não obtém resultados de total êxito, pois os variados problemas relativos à educação, “interferem na valorização e ensino da literatura”, conforme observou Zilberman (1988 p.17).

A solução proposta relaciona-se ao assumir de uma concepção de leitura segundo o qual o ato de ler qualifica-se como uma prática indispensável para o posicionamento correto e consciente do indivíduo perante o real. Porém, como sua concretização depende da frequência ao livro, as tentativas de promoção do gosto pela leitura têm desaguado no apelo à aquisição crescente de obras, reforçando os procedimentos consumistas próprios à sociedade burguesa; beneficiam, assim, mais quem os edita do quem os lê.

O espaço escolar, então ambiente neutro, passa a ser uma das poucas possibilidades para que o estudante tenha acesso aos livros. Mas o que ler?

O ensino da literatura no futuro nunca poderá se satisfazer consigo mesmo; pois ele não é um fim em si mesmo, mas meio para um fim, inclusive para reconhecer certos mecanismos e interesses, colocando-se criticamente perante eles. Para tanto são necessários novos critérios que não podem ser imanentes, e sim critérios, que possam tornar os textos transparentes para os interesses e funções sociais. Contudo, um procedimento novo como este tem como pressuposto um único sentido: o de que os próprios alunos aprendam a reconhecer e articular seus interesses. (DAHRENDORF, *apud*, p. 248, 1974)

“A justificativa para a presença do texto literário na sala de aula é a necessidade de conhecimento, por parte do aluno, da história da literatura nacional, sua tradição e membros mais ilustres”, nos lembra Regina Zilberman (1988 p.116).

Mas por que negar que os mais jovens aproveitem uma Literatura um tanto erudita, é verdade, mas de inegável qualidade, desde o Ensino Fundamental?

De acordo com Calvino (1983 p.10-11), a leitura na juventude é impaciente, distraída e inexperiente e, por isso, nem sempre é proveitosa. Mas, ainda segundo o autor, “a leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos.” E ainda

A escola deve fazer com que você conheça bem ou mal certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola. É só nas leituras desinteressadas que pode acontecer deparar-se com aquele que se torna o “seu” livro.

Em 2017, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) veio fortalecer o que já era discutido sobre a necessidade das práticas de linguagem e leitura serem amplamente difundidas e que os mais variados gêneros sejam disponibilizados aos estudantes.

Ao mesmo tempo em que se fundamenta em concepções e conceitos já disseminados em outros documentos e orientações curriculares e em contextos variados de formação de professores, já relativamente conhecidos no ambiente escolar – tais como práticas de linguagem, discurso e gêneros discursivos/gêneros textuais, esferas/campos de circulação dos discursos –, considera as práticas contemporâneas de linguagem, sem o que a participação nas esferas da vida pública, do trabalho e pessoal pode se dar de forma desigual. Na esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas.

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BNCC, 2017)

Para conhecer as preferências e saber o que pensam os estudantes da turma 901 participantes deste estudo, sobre leitura de textos canônicos e sobre o gênero poema, foi realizada diagnose através de questionário como o exemplificado no modelo abaixo, e verificou-se, dentre vinte e nove alunos consultados, que dezesseis deles “não gostam muito”

de ler, apesar disso, quatorze estudantes informaram serem leitores de livros. Resultado bem próximo obtiveram as leituras de “artigos na Internet”, de acordo com o que mostram os gráficos a seguir.

UFRRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROFLETRAS – MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PESQUISA SOBRE PREFERÊNCIAS LITERÁRIAS
NOME: Amilly de S.O. Malta IDADE: 13

Você está participando de uma pesquisa sobre preferências literárias na adolescência. Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso de Mestrado Profissional em Letras da Profª Alessandra Marques da Silva Fagundes.

Responda às perguntas propostas. É possível marcar mais de uma resposta.

1. Você já ouviu falar de um destes escritores brasileiros?
() Machado de Assis () José de Alencar () Aloísio de Azevedo Monteiro Lobato () Guimarães Rosa

2. Você já leu algum livro de algum deles? () Sim Não Se sim, qual? _____

3. O que você acha de ler textos de autores famosos como os citados acima, mas que pertencem aos séculos XIX e XX?
() chato () inspirador uma novidade () um desafio () tanto faz

4. Defina com suas palavras: O que é romance? Drama e amor

Imagem 1: Questionário diagnóstico

Gráfico 1: Você gosta de ler?



Gráfico 2: Que tipo de leitura você costuma fazer?



Outro ponto motivou este estudo: o desinteresse pelo gênero textual *poema*, que é geralmente desprezado pelos estudantes. Nesta mesma pesquisa, foram perguntados acerca de seus gostos literários e “O que sentem ao ler algum poema?”. Foram apresentadas as alternativas: “Pensa em musicá-lo”, “Fica feliz”, “Sente sono”, “Gostaria de ler mais”, “Acha

chato”, “Acha bonito”. Como resultado vemos que são considerados “chatos”, na mesma proporção que os acham “bonitos”.

Secchin (p. 17, 2010) observou em sua prática professoral que a poesia não seduz os estudantes, os mesmos possuem um “temor reverencial, como se as pessoas se sentissem lidando com um discurso quase intimidador no seu hermetismo, e cuja complexa inteligibilidade supõem que jamais terão acesso.”

Gráfico 3: Se pudesse escolher um gênero literário, qual seria?

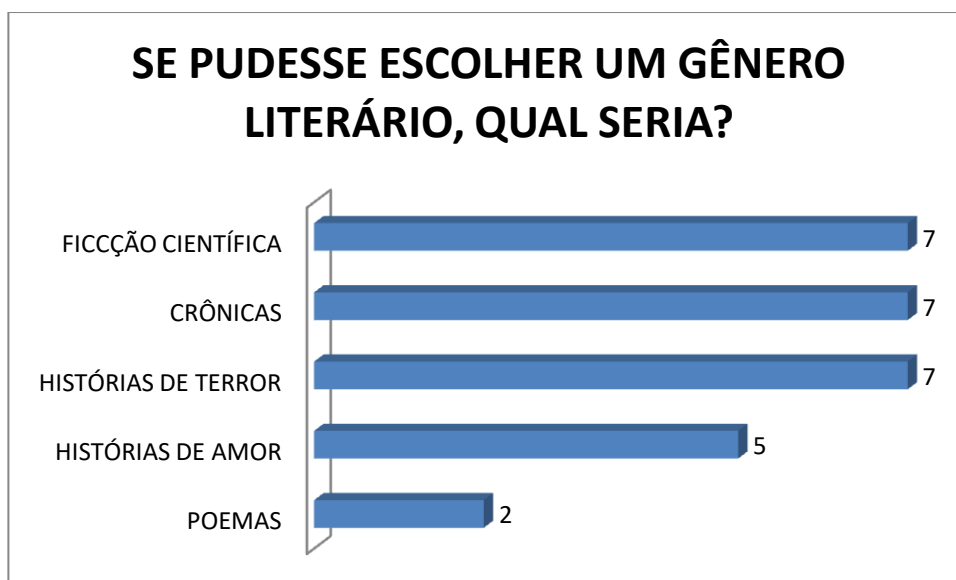


Gráfico 4: Ao ler algum poema, o que você sente?



Ainda nesta pesquisa, foi perguntado aos estudantes:

“Você sabe dizer o nome de algum poeta famoso (vivo ou morto)?”

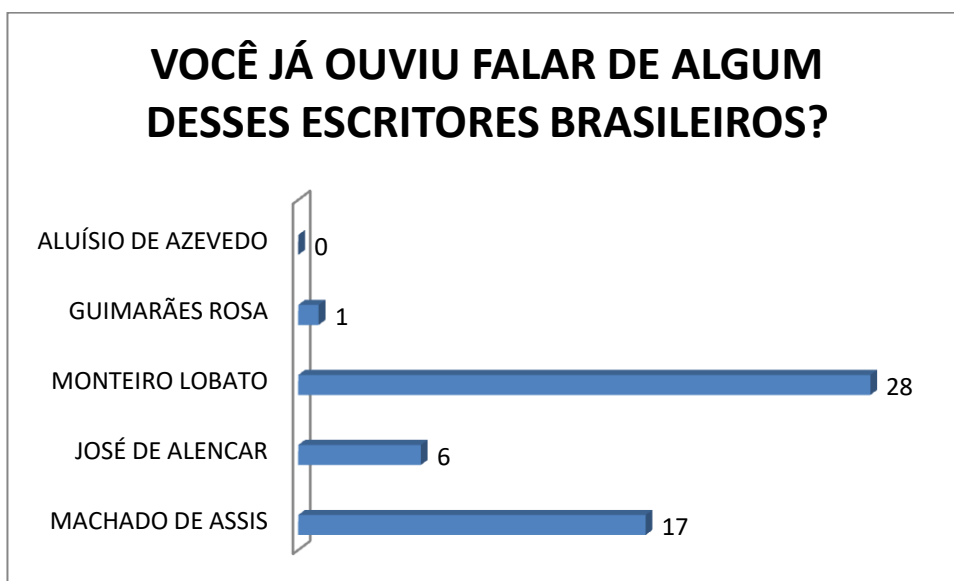
Foi citado o nome de Vinícius de Moraes por quatro estudantes, Monteiro Lobato (*sic*) por três estudantes, dois citaram Olavo Bilac (patrono da escola), um lembrou-se de Ruth Rocha (*sic*) e outro respondeu William Shakespeare. Quatorze estudantes não souberam responder.

Em outra ocasião, os estudantes receberam os seguintes questionamentos:

“Você já ouviu falar de algum desses escritores brasileiros?”

“O que você acha de ler textos de autores famosos como os citados acima?”

Gráfico 5: Você já ouviu falar de algum desses escritores brasileiros?

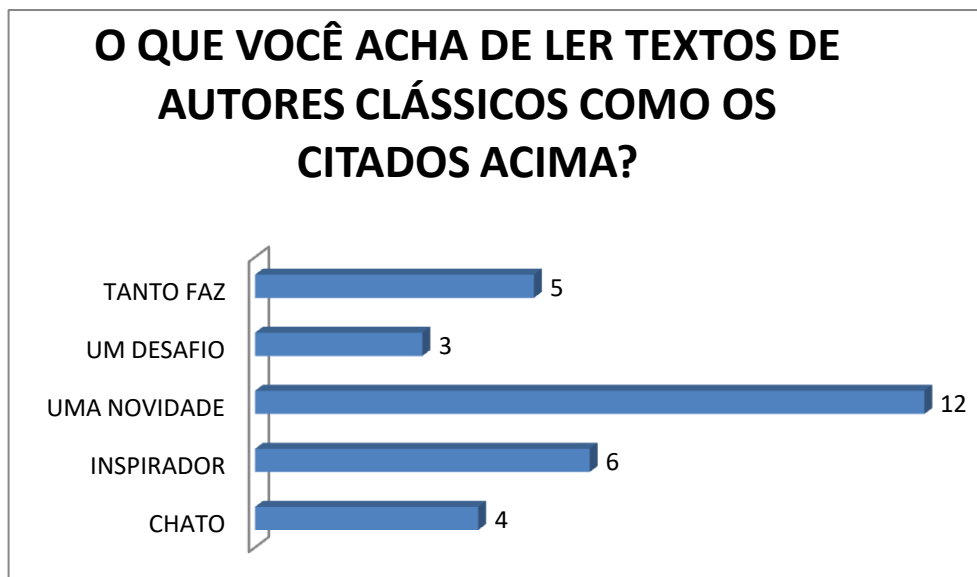


Para esta pergunta foi permitido que os estudantes assinalassem mais de um autor. Monteiro Lobato, já citado na pesquisa anterior foi o mais lembrado, alavancado pelo apelo infantil de seu *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, tão conhecido pelos jovens participantes do estudo, através da série televisiva, produzida em sua versão mais recente pela TV Globo entre 2001 e 2007, sendo reprisada pela TV Cultura e pelo canal pago Viva. Atualmente faz parte da grade do canal por assinatura Gloob.

José de Alencar, que faz parte deste estudo, aparece na terceira colocação entre os mais conhecidos.

Para estes estudantes a leitura de textos de cânones da Literatura aparece como uma novidade em suas vidas, conforme o indicado no sexto gráfico.

Gráfico 6: O que você acha de ler textos de autores famosos como os citados acima?



São fatores incontornáveis quando se trata do ensino de literatura, as intenções e os objetivos. Rouxel (p. 17-18, 2013) levanta o aspecto do “texto canônico *versus* texto contemporâneo.” O que levar em conta na hora de escolher o que ensinar?

Pensar o ensino da literatura e suas modalidades práticas supõe que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico - capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar. (...) É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo. (ROUXEL, p.20, 2013)

A autora também observa que no trabalho com os adolescentes é comum encontrar resistência para revelar suas emoções em relação ao texto, seja por medo do erro ou pudor diante do professor e da turma.

A escolha dos gêneros e das obras a serem trabalhados na escola geralmente pauta-se em indicações oficiais da Rede de Ensino. Trazer diversidade histórica com “obras canônicas, clássicas, fundadas em valores nos quais uma sociedade se reconhece e obras contemporâneas, literatura viva que lança um olhar sobre o mundo de hoje.”

Portanto, faz-se pertinente que os estudantes iniciem o contato com as obras de grandes nomes da Literatura Brasileira desde o ano final do Ensino Fundamental, para que, chegando ao Ensino Médio, onde irão aprofundar seus estudos nas escolas literárias, tenham uma

pequena, mas importante informação sobre os principais dos autores da Literatura nacional. O cânone escolhido para este estudo foi José de Alencar.

Ao escolhermos o que será lido com outros, estamos imaginando por onde poderemos introduzir os textos nas conversas literárias (...) como deixaremos aberta a possibilidade de que o próprio texto os ajude com algumas respostas ou lhes abra caminho para novas perguntas, como faremos para intervir sem fechar sentidos. (BAJOUR,p.27, 2012).

Escolheu-se para este estudo o livro *Senhora*, dando destaque à personagem protagonista do livro citado, salientando que, em meio ao cenário patriarcal oitocentista, Aurélia, através da ótica de José de Alencar, mostrou-se importante para mostrar as nuances da personagem que representa bem uma mulher bastante determinada. É o momento de iniciar um *brainstorm* com os estudantes sobre assunto que hoje está em voga: o empoderamento feminino.

O que os adolescentes pensam sobre o assunto? Os conceitos e ideias são partilhados entre meninos e meninas? Há machismo e submissão nesta faixa etária?

Foi pertinente falar sobre feminismo durante esta preparação para o trabalho com os romances de Alencar e posteriormente com as canções. Conforme Alves e Pitanguy (p.7, 2017), “o feminismo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano e que não tem um ponto de chegada.” Ser feminina e ser feminista não precisam ser coisas que se chocam. A imagem da feminista rude e por vezes masculinizada poderia ser deixada de lado, como bem lembra a ativista nigeriana Chimamanda Adichie, pois é possível “gostar de salto alto e variar os batons (...) receber elogios”, sem deixar de ser respeitada por ser mulher.

A questão do gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo mais diferente e mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos e precisamos criar nossas filhas de maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de maneira diferente. (ADICHIE, p. 122, 2014)

Adichie ainda nos fala que “seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero.”

Muito há que se discutir em época de intolerância generalizada, em um momento em que os feminicídios estão se avolumando. Antes da qualificação dos homicídios contra mulheres ser sancionado, em 09 de março de 2015¹, não havia o destaque que desperta hoje.

Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. (www.planalto.gov.br)

O Rio de Janeiro registrou 71 casos no ano de 2018, de acordo com os dados do Instituto de Segurança Pública (ISP), conforme a publicação do site <http://www.compromissoeatitude.org.br> a partir da reportagem do *site* G1, publicada em 27/03/2019, que apresentou o gráfico abaixo:

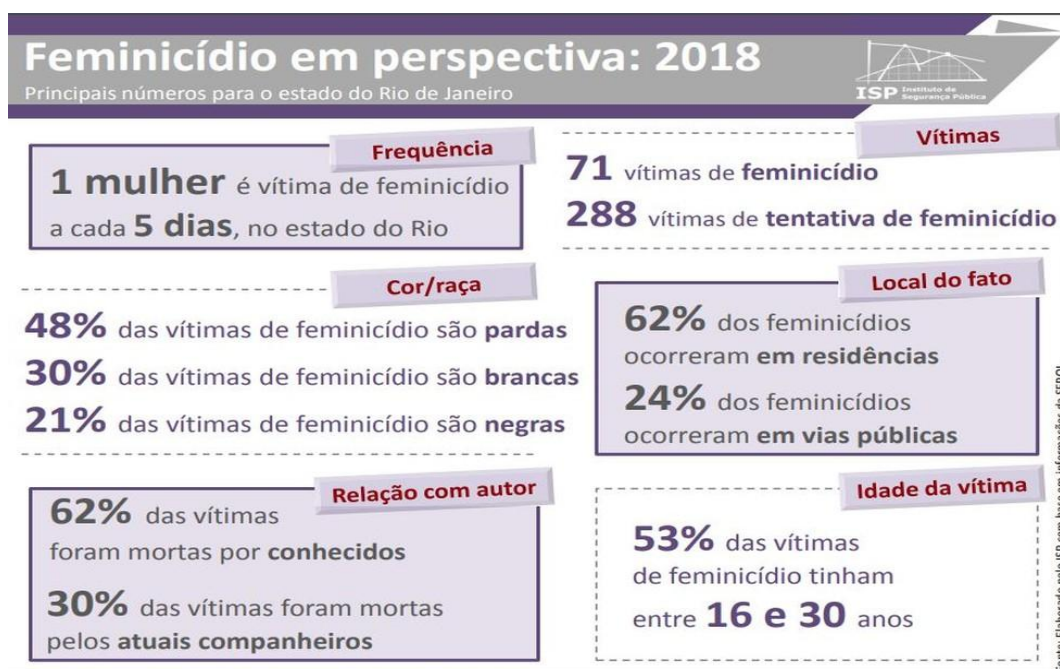


Imagem 2: Dados sobre o feminicídio (Instituto de Segurança Pública, 2019)

¹ A pena do feminicídio é aumentada de 1/3 (um terço) até a metade se o crime for praticado:

I- durante a gestação ou nos 3(três) meses posteriores do parto;

II- contra pessoa menor de 14 (catorze) anos, maior de 60 (sessenta) anos ou com deficiência;

III - na presença de descendente ou de ascendente da vítima. (www.planalto.gov.br. Acessado em 19/01/2019)

Antes, a Lei 11340/06, conhecida como “Lei Maria da Penha”, já assegurava um importante mecanismo para coibir a violência contra a mulher.

Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. ([https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao.](https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao))

Há espaço para um debate acerca do papel da mulher na sociedade atual e uma comparação com a mulher do passado, como aquelas retratadas nas obras de Alencar.

Até o século XVII, só se reconhecia um modelo de sexo, o masculino. A mulher era concebida como um homem invertido e inferior, desta forma, entendida como um sujeito menos desenvolvido na escala da perfeição metafísica. No século XIX a mulher passa de homem invertido ao inverso do homem, ou sua forma complementar. (...) (SILVA *et.al*, p.72, 2005)

É importante o questionamento sobre uma possível relação entre o empoderamento e o aumento do número de feminicídios.

Em face da luta por justiça de gênero, a criminalização do feminicídio, para além de um caráter simbólico das normas jurídicas, é importante como um dos meios para garantir a efetivação da igualdade entre as pessoas e da dignidade humana. (FONSECA, Maria Fernanda, *et. al.*, p.63, 2018)

A seguir, já no 4º bimestre do ano letivo, foram compartilhadas letras de canções contemporâneas (nos ritmos musicais *R.A.P.* e *hip hop*). Mantendo o tema gerador “empoderamento feminino”, foram selecionadas canções de algumas mulheres, autoras e intérpretes de músicas que falam do tema em foco. A intenção didático-pedagógica ao utilizá-las foi mostrar que tais letras também são poemas, gênero textual tratado com algum desprezo por uma parte dos alunos, conforme pesquisa realizada.

Há mais de cem anos, José de Alencar já conhecia a força da mulher, ao nos apresentar *Lucíola, Diva e Senhora*, resistentes ao patriarcalismo que vemos em suas histórias. E hoje temos canções que são compostas ou interpretadas por mulheres, cujas letras revelam o “empoderamento” feminino.

1.2 Problema

Por mais que existam atitudes esperadas do gênero feminino, elas estão aí para serem subvertidas. A partir do momento em que o sujeito se identifica como mulher, há atitudes esperadas dele, tais como ser dócil, vaidosa e pacífica. (MÉDICI; CASTRO, MONTEIRO, p.4, 2017)

De fato, em uma visão simplista, o que se espera da mulher é uma submissão e uma colocação em um lugar puramente doméstico, sem direitos e sem voz, para manter a tradição de uma sociedade machista, patriarcal, que em insiste em prevalecer em algumas culturas e pode até estar muito próxima do nosso convívio.

Este estudo, que pretende traçar um paralelo das mulheres alencarianas com as “empoderadas” do *hip-hop* e *R.A.P.* nacionais, inicia-se pelo século XIX, época em que José de Alencar criava suas famosas personagens.

Nesta época a mulher era, conforme (Neto, 2018 p.103), “um apêndice da casa e do marido, dedicada à criação dos filhos.” Havia a mulher virtuosa e a prostituta em lados opostos. Quando, porém, as mulheres alcançaram o mercado de trabalho, ainda conforme Neto, passaram a conviver com todo tipo de pessoas, estando passíveis até mesmo de ter contato com meretrizes, no vaivém das grandes cidades.

A figura da mulher na prosa alencariana é estereotipada em duas vertentes: a mulher decente, do lar e a mulher impura, a prostituta e tanto uma quanto outra mostram que podem, mesmo frágeis e recatadas, superar de alguma forma o patriarcalismo naturalizado do período e que lhes é imposto.

Ainda hoje há um preconceito contra a mulher chamada “empoderada” (em neologismo criado por Paulo Freire, adaptado do inglês *empowerment*²) em vários setores da sociedade.

² A palavra, assim como a ação à qual remete, foi ganhando notabilidade a partir de 2011. Em 2013, com a saída do povo às ruas para protestos, ela “explodiu” na internet e, atualmente, já está inclusa até mesmo em dicionários tradicionais, como Aurélio e Houaiss. Nessas definições oficiais, ela é explicada como uma tomada de consciência, capaz de realizar mudanças de ordem política, econômica, social e cultural. É por essa razão que ela se tornou um verdadeiro ícone dos movimentos sociais. (www.processohoffmanbrasil.com.br)

As mulheres contemporâneas que iremos citar adiante são artistas que escolheram ritmos musicais predominantemente masculinos para mostrar seu potencial como compositoras e, é claro, como representantes da mulher moradora de periferias brasileiras, dando voz a muitas que precisaram ou preferiram se calar.

O tema “mulher” foi escolhido como pano de fundo para apresentar aos alunos do 9º ano do segundo segmento do Ensino Fundamental um pouco das obras canônicas de José de Alencar, numa relação intertextual com letras de música contemporâneas de *R.A.P.* e *hip-hop* no estudo dos gêneros romance (utilizando-se dos textos de Alencar) e poemas (utilizando as letras de músicas).

1.3 Referencial Teórico

1.3.1. Romantismo

O conteúdo programático da Secretaria Municipal de Educação de Seropédica contempla para o 3º e 4º bimestres, o gênero romance.

Romance é um termo que provém do advérbio latino medieval *romanice* (falar em língua românica – em contraste com o latim). Concomitantemente, o termo passou a ser aplicado a obras literárias medievais escritas em uma língua românica e não em latim. Eram, em regra, obras de ficção, em prosa e verso, assim redigidas para ficar ao alcance do grande público (especialmente o público feminino nobre); assim a pala romance passou a designar também uma obra literária de ficção. (CÂMARA JÚNIOR, p. 210, 2002)

O Romantismo, movimento literário iniciado na segunda metade do século XIX e, segundo Sena (2013, p.22) *apud* Moraes (2005, p.36), “o romantismo sustenta o princípio que o sujeito é o centro de tudo e de que a realidade exterior não passa de uma extensão dele.”

Afrânio Coutinho (2005), conforme citado por Sena (2013, p.22), afirma que apesar de ser creditado a Gonçalves de Magalhães e a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades*, em 1836, foi José de Alencar quem elevou a carreira de “homem de letras” a mais alta estatura dignificando sua importância na sociedade e é, conforme diz o autor, a partir do Romantismo que começa a existir uma literatura própria no conteúdo e na forma.

Movimento exclusivamente masculino, o Romantismo, tinha uma participação feminina inexpressiva. José de Alencar eleva a mulher a uma “condição digna”, deixando que seja humanizada, feminina, mas ainda assim um “objeto a mercê do homem”, conservando assim o “mito da beleza e da pureza”.

José de Alencar, por meio de suas personagens e suas vivências, mostra que não só os fatos históricos importam nas narrativas, mas como as mesmas foram sentidas.

Estudar as personagens femininas dos romances de José de Alencar é primordial para entendermos os anseios desse grande romancista, pois cada personagem tem sua singularidade e particularidade na trama desenvolvida pelo romance. (SENA, p. 22, 2013)

1.3.2. As mulheres alencarianas

José Martiniano de Alencar (1829-1877) nasceu em Messejana, hoje distrito e bairro de Fortaleza, capital do Ceará e morreu no Rio de Janeiro. Foi advogado, jornalista, político, romancista e teatrólogo. Dedicou-se a escrever textos ficcionais, tendo lançado seu primeiro romance, *Cinco Minutos*, em 1856.

De acordo com Gilvania Sena, Alencar tinha um plano, sempre reiterado: ele queria iniciar a “verdadeira literatura brasileira” através do romance, com ambientações tropicais e estruturas frasais que nos pertencessem.

Os romances que escreveu são uma tentativa de interpretação da formação histórica da nacionalidade brasileira e, ao mesmo tempo, uma visão lírica de nossa paisagem, nossa gente e de nosso meio. (...) Alencar é mais um romancista de costumes do que um escritor de romances psicológicos. (SENA, p.23, 2013).

Em 1862 deu início aos “perfis femininos” ao publicar *Lucíola*. A seguir, vieram *Diva* (1864) e *Senhora* (1874).

Os três romances seguem a mesma fórmula utilizada por romancistas franceses como Alexandre Dumas e Balzac, dos quais Alencar era assíduo leitor: inicialmente as obras são marcadas por situações de conflito/quebra, seguida por uma reparação/solução. Em todos os três, o enredo gira em torno de um jovem casal, que precisa enfrentar certos obstáculos sociais, como a questão financeira, no caso

de *Diva* e *Senhora*, por exemplo, e o aspecto (i)moral da prostituição, no que se refere *Lucíola*. Caso o casal queira permanecer unido, precisam então superar essas barreiras. (NETO, 2018)

O livro *Lucíola* foi assinado com o pseudônimo de G.M., uma suposta senhora idosa que recebia cartas do protagonista Paulo e que decidiu publicá-las. Lúcia – feminino de Lúcifer – é uma jovem prostituta, rica, refinada, que conhece o jovem Paulo, que viria a tornar-se seu amante. Apenas no final da história Lúcia revela a Paulo que havia entrado nesta vida de meretriz para ajudar à família, fato esse que traz a redenção de seus pecados na visão dele.

Conforme os estudos de Bellei sobre o livro *Moça educada, mulher civilizada, esposa feliz: relações de gênero e história em José de Alencar*, de Ana Caroline Soares, os papéis da mulher e do homem são bem definidos dentro da relação.

Como prostituta, e sendo tão bela, Lúcia se tornou uma mulher poderosa e com muito dinheiro. Paulo era rapaz pobre e simples e acabou por aceitar uma condição de subordinação inicialmente. Porém, o amor da mulher faz com que aos poucos cada um assumia seu “devido lugar” (BELLEI, p.268, 2014)

Assim, a figura patriarcal de Paulo demonstra que Lúcia só pode ser “perdoada por seus pecados” devido à superioridade de sentimentos masculina, representada na figura dele.

Dois anos mais tarde, o livro *Diva* traz a protagonista Emília, mulher linda e virtuosa, que, por um tempo rejeita seu amor, devido ao mesmo ser “crioulo”, o que a incomodava muito, além de tê-la visto em trajes íntimos na adolescência, quando esta esteve muito doente. O final da trama é coroado com o enlace matrimonial dos protagonistas, já que o casamento é “a glória máxima do amor” (Bellei, p. 268, 2014).

A triologia das mulheres alencarianas encerra-se com *Senhora*, em que Aurélia Camargo, a protagonista, vê-se preterida por outra mulher que tinha mais posses do que ela. Porém, ao receber uma herança e tornar-se também uma mulher rica, decide casar-se com seu grande amor, Fernando Seixas, mas, utilizando-se de seu poder financeiro, humilha-o, comprando-o como marido, o que é uma afronta para o recato e submissão feminina da época. Somente após conseguir “comprar” sua liberdade, Seixas, já amadurecido pelo que lhe fora imposto por Aurélia, consegue de fato consumir seu casamento e ter felicidade junto da amada.

Um papel feminino estabelecido culturalmente, até a atualidade, é o da mulher como esposa. (...) Da antiguidade à idade média, os casamentos eram combinados sem o consentimento da mulher e, a união, não consagrava o amor e sim um contrato entre o pai da noiva e a família do pretendente.(...) (SILVA, *et.al*, p. 73, 2005)

As três personagens femininas mostram um perfil característico do período oitocentista, da mulher submissa, valorosa e apaixonada, que utilizaram dos artifícios de que dispunham, fossem eles a beleza e o sexo, virtude e o pudor, a mágoa e a inteligência, em nome da realização dos seus ideais amorosos, junto aos homens que desejavam ter.

Por que essas mulheres podem ser considerada “empoderadas”?

Temos uma jovem, Lúcia, que foi obrigada a sustentar toda uma família acometida por uma doença e por mais que tenha escolhido o caminho da “vida fácil”, nunca deixou de ter pureza de sentimentos; outra, Emília, que se mostra voluntariosa e dona de suas atitudes, em meio às birras com seu amado, decide assumir seus sentimentos e, finalmente, a escolhida para esse estudo, Aurélia, moça, inicialmente pobre e órfã, humilhada pelo homem amado, decide tomar as rédeas de sua vida e de seu casamento que fora realizado por interesse financeiro. Um exemplo de mulher empoderada, mergulhada em uma história onde o patriarcalismo sobressai. Porém suas atitudes, sua determinação fizeram dela uma personagem marcante e inspiradora.

Assim, para melhor aproveitamento optou-se por escolher dentre a triologia feminina alencariana, apenas o livro *Senhora*, por imaginar que a história de Aurélia estimule uma atitude de independência para outras mulheres.

1.3.3. *Senhora*

Escrita em 1874, a obra *Senhora* é um dos últimos romances urbanos de Alencar. A temática central é o casamento por interesse financeiro entre Aurélia e Seixas, trazendo uma visão crítica da sociedade, onde a protagonista assume um papel de superioridade, pois assumindo um papel vingativo, decide “comprar” Seixas como seu marido.

Senhora é dividida em quatro partes: “O Preço do Casamento”, que mostra Aurélia como uma jovem rica, frequentadora dos bailes da alta sociedade, mas que questiona-se sobre seu destino e deseja casar-se. A segunda parte, “Quitação” é um *flashback* da história de Aurélia e sua família e de como uma jovem que vivia com dificuldades torna-se a rica herdeira de seu avô. Em “Posse”, a terceira parte da obra, é descrito o cotidiano do casal que

vivem de aparências: apresentam-se como um casal apaixonado diante de todos, mas na verdade vivem às turras, sendo que Seixas obedece à Aurélia de maneira submissa. A quarta e última parte chama-se “Resgate”, mostrando Seixas como um homem decidido a deixar Aurélia após tantas humilhações. Após trabalhar e recuperar o dinheiro do dote decide pedir o divórcio. Aurélia, embevecida pela mudança de atitudes de Fernando Seixas, declara-se ao marido e eles decidem consumir o casamento e viver como um casal de verdade.

A protagonista nos é apresentada como uma mulher jovem, bonita e amorosa, porém, ciente de sua fortuna.

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela. Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e famosa. Duas opulências, que se realçavam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante. (...) Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia. (ALENCAR, 1999)

O co-protagonista, Fernando Seixas, também demonstra ser um homem consciente, porém prefere entregar-se aos prazeres que o poder e o dinheiro da alta sociedade podem proporcionar, causando ira em Aurélia que foi preterida por uma jovem rica, quando ainda não dispunha da herança do avô.

Possuidora de dotes, Aurélia propõe casamento a Seixas e ao aceitar ele passa a tomar uma posição humilhante, de um ser dominado.

“A inferioridade absoluta da mulher no regime patriarcal desaparece sob os valores pecuniários. Seixas só vê uma Aurélia maior, dona. Logo, sua masculinidade não pode se realizar. Aurélia mutila Seixas.” (SENA, p.56, 2012)

“Vendido sim; não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem mil cruzeiros, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento.”

Aurélia proferiu estas palavras desdobrando um papel no qual Seixas reconheceu a obrigação por ele passada ao Lemos. Não se pode exprimir o sarcasmo que salpicava dos lábios da moça, nem a indignação que vazava dessa alma profundamente revolta, no olhar implacável com que ela flagelava o semblante do marido.

Seixas, trespassado pelo cruel instinto, arremessado do êxtase da felicidade a esse abismo de humilhação, a princípio ficara atônito. Depois quando os assomos da irritação vinham sublevando-lhe a alma, recalcou-os esse poderoso sentimento do respeito à mulher, que raro abandona o homem de fina educação. (ALENCAR, 1999)

Neste ponto da história, Aurélia difere do perfil da mulher oitocentista, pois ela é emancipada, regente de sua vida financeira, despreendida de aceitar imposições e tomou uma posição superior a do marido, o que seria impensável para a época. Isso a tornava diferente das mulheres “românticas e pálidas que andavam evaporando em suspiros” pertencentes ao período patriarcal.

Sena ressalta que “se o romance permite-se refletir sobre a emancipação feminina, ele não se desprende das ideias vigentes na época.” É época onde pertencia à mulher apenas os desígnios do lar. Elas deveriam dedicar-se ao “doce aconchego doméstico” e esse deveria ser o sonho de todas. E era também o sonho de Aurélia: uma família e um amor conjugal.

Para realizar seu amor conjugal Aurélia necessitava desatar o sentimento de vingança que a tornava uma senhora de “escravo branco”, como se autodenominava Seixas. Mas o casamento por conveniência, mediado pelo dinheiro, um amor comprado, era comparado por Seixas como “cabelos postiços”, pois não podem nascer de ninguém.

Somente com a mudança de postura de Seixas, conforme nos lembra Sena, “a barreira se rompe, fazendo com que, num circuito onde figurem em seus devidos lugares e medidas nas pessoas devidas, a natureza feminina e a natureza masculina.”

Por fim, Aurélia torna-se feliz por ser amada, desarma-se de seus caprichos, aceita os argumentos do homem e termina por voltar aos padrões patriarcais.

2. A mulher moderna

Simone de Beauvoir (1949 *apud* Ribeiro), em seu livro *O Segundo Sexo*, fala das imposições criadas por uma visão determinista e do estereótipo de “seres naturalmente frágeis, maternais, sensíveis e ligadas ao ambiente doméstico.”

Na época em que foi escrito o livro, a visão de “mulher moderna” que a sociedade tinha era de uma pessoa que estava atenta às facilidades domésticas da época, como os aspiradores de pó. Ter um eletrodoméstico para auxiliar nas tarefas domésticas era sinônimo de mulher feliz e despreocupada com os tais afazeres, podendo estar “sempre bonita para o marido.”

Recentemente, em matéria da revista *Veja*, a ex-primeira-dama, Marcela Temer, foi definida como “bela, recatada e do lar”, numa referência ao seu visual discreto e sua beleza jovem, “uma mulher de sorte” e Michel Temer, “um homem de sorte”, como finaliza a reportagem.

Marcela, bacharel em direito, nunca exerceu a profissão. Seus dias resumem-se em levar e trazer o filho da escola, cuidar da casa e de pequenos cuidados com a beleza. Segundo a irmã, “sempre foi recatada”. Além disso, sua estilista diz que prefere “cores claras e roupas nos joelhos.”

A reportagem, de Juliana Linhares, publicada no momento efervescente do *impeachment* da presidente Dilma, traz Marcela Temer no papel estereotipado da mulher ideal, perfeita, sempre à sombra do marido, com um discurso que fazia parte do padrão do século XIX, no qual a noiva jovem e pura casa-se com o primeiro namorado, bem mais velho que ela. Uma mulher que não se impõe, como se fizesse um contraponto velado com aquela que na ocasião ainda ocupava o cargo máximo, de presidente da República, Dilma Rousseff.

Intencional ou não, a reportagem mobilizou grupos feministas que, usando #belarecatadaedolar, puderam mostrar que é possível à mulher ser aquilo que quiser, sem que o tripé de beleza, recato e domesticação sejam ignorados, pois é preciso adaptar tal estereotipização à atualidade, na qual a mulher moderna é aquela que sabe utilizar os recursos da tecnologia, por exemplo, a favor dos seus afazeres domésticos ou pessoais, e que é emancipada, trabalha e estuda.

O trabalho, fora do lar, é duplicado em casa com os afazeres domésticos e maternos e ainda hoje sofrem com a mentalidade opressora do passado, na qual os homens não têm responsabilidade sobre as obrigações domésticas.

3. A visão do adolescente sobre o empoderamento feminino.

O termo “empoderamento”, refere-se “luta pela equidade” das mulheres perante aos homens.

Significa ter consciência dos problemas que nos afligem e criar mecanismos para combatê-los. Quando uma mulher se empodera, tem condições de empoderar outras. (...) Empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos

quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimentos e superação da realidade na qual se encontra. É uma nova concepção de poder que produz resultados democráticos e coletivos.” (RIBEIRO, 135-136, 2008)

Dando continuidade ao *brainstorming* sobre feminismo, foi distribuído para os estudantes participantes deste projeto, cópias da reportagem da revista Veja, “Bela recatada e do lar”, de Juliana Linhares e dos artigos “Bela, recatada e do lar: que coisa mais 1792” e “O mito da mulher moderna”. Ambos os artigos foram publicados na revista Carta Capital e reproduzidos no livro “Quem tem medo do feminismo negro”, de Djamila Ribeiro.

Os estudantes, ainda divididos em equipes, leram os textos que lhes foram entregues e puderam, em data marcada, promover um debate sobre o feminismo e a mulher na modernidade.

Este ponto do projeto serviu de ponte para ligar a mulher oitocentista, representada na ficção pela personagem Aurélia com a mulher contemporânea.

4. Protagonistas contemporâneas

Para valorizar o gênero textual *poema*, optou-se por trazê-lo sob a forma de letras de música³. Esta não é uma ideia original, visto que tal prática costuma ser apresentada nos planejamentos anuais elaborados pelos professores para serem aplicados em suas turmas, todavia, visando uma identificação e conseqüente melhor aceitação, por parte do grupo de

³ É conveniente ressaltar que existe uma tendência a não considerar canções como poesia. Conforme Amorim (2017) “Há também o argumento de que a função poética da língua funciona bem em letras de canções, mas não as transforma em poemas. Nesse argumento está subentendido que a letra da canção ainda deve ser transformada em poesia. Além disso, também se pode ler nas suas entrelinhas que a letra só funciona porque está contida em uma canção”. Ele continua dizendo que “O termo *poiēsis* é um substantivo grego derivado do verbo *poieō*, que significa produzir. Poesia, portanto, vem de produzir, e poema é o resultado dessa produção.” Ele ressalta que não há como definir e classificar o que é de fato um poema, dada a sua enorme diversidade.

alunos participantes do estudo (adolescentes entre 13 a 16 anos), os ritmos musicais *R.A.P.*⁴ e *hip-hop*⁵, foram selecionados.

Foram escolhidas para representar o *R.A.P.* as *rappers* Negra Li e Karol Conká.

Convém salientar que ambas, apesar de negras, não foram escolhidas por este motivo e sim por sua representatividade no cenário musical e suas canções, que, faz-se conveniente dizer, trazem os problemas da periferia em que foram criadas, onde, conforme dados do IBGE, “em 2014, 76% dos mais pobres no Brasil são negros.”

Liliane Carvalho de Carvalho, a *Negra Li*, nasceu em São Paulo em 1979. É solista do coral da Universidade de São Paulo, além de estudar música e piano. Iniciou sua carreira no grupo *RZO*, aos 16 anos.



Imagem 3: Negra Li

⁴ O *R.A.P.* é um ritmo musical surgido na Jamaica, na década de 1960, chegando aos EUA junto com os jamaicanos, onde se popularizou; já o *funk*, surgiu na década de 1930, com músicos como James Brown e Melvin Parker, porém o *funk* que conhecemos é inspirado em outro ritmo: o *miami bass*, um tipo de *hip-hop*, famoso nos EUA na década de 1980 (<https://super.abril.com.br/cultura/como-surgiram-os-ritmos-funk-e-rap/>)

⁵ O termo “hip” significa algo atual, que está acontecendo no momento; e “hop” faz associação ao movimento de dança. Seu criador, Afrika Bambaataa, estabeleceu 4 bases principais na cultura hip hop, são eles: o rap (músicas rítmicas com rimas e poesias), o DJ (artista que seleciona e conduz as batidas), a breakdance (dança específica do rap e hip hop, geralmente improvisada) e o graffiti (pintura/escrita artística). Quando o hip hop surgiu, sua base estava nas batidas rítmicas que os DJs criavam para as pausas “loop”, que são trechos pequenos de alguma música que ficam se repetindo. Após isso, o hip hop foi acompanhado pelo rap e tido como um estilo musical e, através disso, foram surgindo algumas formas diferentes de danças improvisadas, como a breakdance. (<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/nutricao/a-historia-do-hip-hop/48433>)

Nada Pode Me Parar (Negra Li)⁶

Não vou desistir
Ninguém vai me impedir
Eu tenho força pra lutar
Nada pode me parar...
Não vou desistir
Ninguém vai me impedir
Sei que é difícil pra viver
Se eu tô aqui é pra vencer

Essa sou eu, sim
Mulher, sim
Com muito orgulho, sim
Guerreira, eu não nasci pra servir
Confira, de fibra,

Preta leal e voz ativa
Nem feminista, nem pessimista
Sou satisfeita.

Aqui é Mayah, hei, se morde e rala!
Determinada, não desisto de nada,
Teimosa, abusada, sinta a pegada
Sou destemida, espiritualizada
Deus e orixás comigo na caminhada

Peraí, deixa eu chegar
Olha pra cá, vou me apresentar
Em meu nome já me mostro:
Tenha medo pois sou Barbarah!
Forte, corajosa, curiosa, envergonhada
Índia, africana, européia, miscigenada
Mas não confunda pois eu não sou leviana
Te mostro minha adaga de Iansã
Essa é minha fama!

Joguem flores, rufem os tambores
Traga tudo que há de bom
Em ti pra mim
Você quis rir antes do fim
Me destruir

⁶ As letras das canções “Nada pode me parar” (Negra Li), “ É o poder” (Karol Conká), “A Verdade que liberta” (Nega Gizza), “ Menina Pretinha (MC Soffia), “Nunca foi Sorte (Luiza Sonza), “Dona de Mim” (Iza), “Respeita as mina” (Kell Smith) foram extraídas do site www.lettras.mus.br. Os trechos das canções de Dina Di “Dormindo com o inimigo” e “Guerreira de Fé”, foram extraídos do site www.valkirias.com.br

Então e aí? Vai desistir
Mas cadê a força no punho?
Tá com medo do seu erro
Então faz primeiro o rascunho

Não vou desistir
Ninguém vai me impedir
Eu tenho força pra lutar
Nada pode me parar

Não vou desistir
Ninguém vai me impedir
Sei que é difícil prá viver
Se eu tô aqui é prá vencer

Não vou ligar pros espinhos
Que encontrar pelo caminho
Vamo embora que agora
É hora de lutar!

Não vou ligar pros espinhos
Que encontrar pelo caminho
Vamo embora que agora
É hora de vencer!

A curitibana Karoline dos Santos Oliveira nasceu em 1987. *Karol Conká*, venceu, também aos 16 anos, um concurso de *R.A.P.* no colégio onde estudava. Participou a seguir de dois grupos musicais (*Agamenon* e *Underground*), até lançar-se no site *MySpace* e alcançar maior visibilidade para sua carreira solo.



Imagem 4: Karol Conká

É o Poder (Karol Conká)

É o poder, aceita porque dói menos
De longe falam alto, mas de perto tão pequenos
Se afogam no próprio veneno, tão ingênuos
Se a carapuça serve, falo mesmo
E eu cobro quem me deve

É o poder, o mundo é de quem faz
Realidade assusta todos tão normais
Viu? Falei
Depois não vem dizer que eu não avisei

(Hãh, hãh)
Só não vem dizer que não (hãh, hãh)
Só não vem dizer que não (hãh, hãh)
Só não vem dizer que não (hãh, hãh)
Só não

Sociedade em choque, eu vim pra incomodar
Aqui o santo é forte, é melhor se acostumar
Quem foi que disse que isso aqui não era pra mim
Se equivocou
Fui eu quem criei, vivi, escolhi, me descobri
E agora aqui estou

Não aceito cheque, já te aviso: não me teste
Se merece, então não pede pra fazer algo que preste
Quem é ligeiro investe, não só fala, também veste
Juiz de internet caga se espalhando feito peste

Se não tá no meu lugar então não fale, meu, não fale
Se for fazer pela metade não vale, não vale
Eu vivo com doses de só Deus que sabe, o resto ninguém sabe
Quebro tudo pra que todos se calem (ploploplow)

Quem vem, só quem tem coragem vai
Já falei que quem nasceu pra ser do topo nunca cai
O medo é de quem, hein?
Olha quem ficou pra trás
E a vida segue, segue e o tempo não volta mais

É o poder o mundo é de quem faz
Realidade assusta todos tão normais
Viu? Falei
Depois não vem dizer que eu não avisei

(Hãh, hãh)
Só não vem dizer que não (hãh, hãh)
Só não vem dizer que não (hãh, hãh)
Só não vem dizer que não (hãh, hãh)
Só não

Eles não sabem o que dizem
Não aguenta então não fica, heim
Eles não sabem o que dizem
Não aguenta então não fica, heim

Se tem uma coisa que me irrita é ver bocas malditas
Dizendo mentiras sobre minha vida
Coisas que eu nem vivi ainda, eita!
Frustrados, pirados na cola, já perdi a hora
Preciso ir embora, alguém me espera lá fora, me deixe
(Me deixe, me deixe)

Ambas fazem parte do universo musical habitado pelos jovens. Em seu repertório desfilam canções que falam de amor e da força do habitante da periferia e, é claro, em tempos de “empoderamento feminino”, apresentam maior destaque as canções que enaltecem a força da mulher.

O *hip-hop* no Brasil surgiu no final da década de 1970 e início da década de 1980, em um momento pós-ditadura militar. Deste modo, as ruas puderam voltar a ser palco de expressões artísticas.

A marca do hip hop como cultura de rua revela que, para além de se caracterizar como um modo de intervenção artística, o movimento impõe um modo de viver de se expressar, usando os lugares públicos como espaços de práticas sociais e culturais. Na rua, a ordem era ocupar os espaços para dançar, divertir-se, criar e competir. (SOUZA, p.23, 2011)

Convém dizer que no movimento *hip-hop*, há uma “soberania” masculina. Alguns grupos exclusivamente femininos e algumas *hip-hoppers*, fazem sucesso entre os apreciadores do gênero.

Destacamos as artistas Nega Gizza e Dina Di, por sua representatividade no movimento cultural do *hip-hop* e destacamos como uma promessa do gênero, Mc Soffia.

Gisele Gomes de Souza, nasceu em 22 de junho de 1977 na favela do Parque Esperança, em Brás de Pina, Rio de Janeiro. Irmã do *rapper* MV Bill (Alex Pereira Barbosa) e uma das fundadoras e tesoureira da CUFA (Central Única de Favelas), formada por moradores de 107 favelas cariocas, além de artistas, produtores e pessoas ligadas a Associações de Moradores. É uma das criadoras também do Prêmio Hutuz (um dos mais importantes festivais de *hip-hop* do Brasil).



Imagem 5 : Nega Gizza e MV Bill

De 1999 a 2000, apresentou o programa "*Hip-Hop* Brasil", na Rádio Imprensa FM. Fundou o selo Dum Dum Records pelo qual lançou o primeiro disco solo.

A contribuição de Nega Gizza para o *hip-hop* brasileiro é importante tanto para a abertura de portas e conquista de espaços para as mulheres quanto para o embasamento dos elementos do *hip-hop* de uma forma institucionalizada no país. Sua história é exemplo, sua postura e conquistas são orgulho para uma comunidade toda.(www.raplogia.com.br)

A Verdade Que Liberta (Nega Gizza)

Microfone na mão e um grito de alerta
Hip hop a verdade que liberta
Foi bom para mim e pode ser bom para você
Que está desesperado e não sabe o quê fazer
Se entregar ao mal seria fácil demais
Para a sociedade você vivo ou morto tanto faz
Fé em deus e na força divina,
Seguindo em frente o pensamento sempre acima
Sem ficar parado esperando na sua mão
O tempo não para, se liga na fita sangue bom.
Não quero ver seu filho e nem você deitado
Quero ver você batalhando sendo respeitado
Tente acreditar que alguém chora por você
O lado bom da vida é preciso conhecer
Caminho fácil, o final é mais difícil,
Poder é ilusório, dinheiro é fictício,
Uma luz no fim do túnel pode te encontrar
Se tiver fé em deus e força para lutar
Sabendo que o lado mais fácil te deixa na merda
Nessa hora a verdade que liberta

Refrão:

Tome uma decisão não espere mais
Deixe todo tempo para trás
Os momentos de fraqueza uma coisa é certa
A verdade que liberta, a verdade que liberta

Mente aberta tomando a atitude certa, hip hop a verdade que liberta
Me deu um toque, me tirou da vida errada, fez minha mente trabalhar quando ela estava parada
Pegando todo fato negativo,
Botando no papel e transformando em algo positivo
Não vou deixar o coisa ruim me dominar
Ele quer ver fazer minha mãe chorar
A cada dia a chapa esquenta uma nova barreira, tem que ser forte para não pensar em besteira,
não pense pelo nariz, não pense com agulha na veia, não pense com crack na boca, use a cabeça é chave para porta da rua, para as pessoas você vale o quê você tem, se depender dos outros vai ser ninguém, apenas mais um ladrão, por isso diga não,
Chega de ver o irmão devorando o chão, o filho chora a mãe reclama, o cinturão aperta, nessa hora a verdade que liberta.

(...)

Viviane Lopes Matias, a Dina Di, nasceu em Campinas, em 1976. Teve uma vida familiar bastante conturbada, intensificada com a morte de seus pais. Foi participante do grupo Visão de Rua e participou também do grupo RZO, do qual fez parte Negra Li. Dina era considerada um dos nomes mais importantes do gênero, por seu pioneirismo, suas canções que retratavam tudo aquilo que vivia: os problemas na adolescência, a prisão em unidade para jovens infratores, a vida de esposa de presidiário.



Imagem 6: Dina Di

Dina faleceu em 2010, apenas 20 dias após dar a luz a sua segunda filha, devido à infecção hospitalar.

“É uma pena porque a maioria das mulheres que canta rap no Brasil se espelhava nela. Dina estava no cenário desde 1995, cantando ao lado de grandes nomes do gênero, como os Racionais MC's", conforme afirmou seu empresário Máximo José da Silva, o “Marola”.

Dormindo com o Inimigo (Dina Di)

(...)

Milhares de mulheres ao redor do mundo
Sofrem nas mãos de homens violentos, covardes em sentimentos

Pelos filhos são capazes de suportar o grosso das indignidades
Perde o prazer de viver, a autoestima, a liberdade
(...)

Guerreira de Fé (Dina Di)

(...)

1997, surge no cenário do rap: Dina Di.
E Deus jamais vai permitir uma mulher forte cair.
Eu sou mulher, sou do lar, sou da noite, do dia,
sou do Rap, eu sou do bem, fruto da periferia,
uma peça do quebra-cabeça,
uma força independente, uma filha da mãe,
a mãe de todos, um elo dessa corrente.

(...)

Soffia Correia, a Mc Soffia, nasceu em 2004, na periferia de São Paulo. Aos seis anos de idade fazia rimas e subia na caixa d'água de seu prédio para cantá-las. Seus pais são ativistas negros e o empoderamento feminino sempre foi assunto em sua casa. O caminho do *hip-hop* com a temática da negritude e resistência foi algo natural. Canções como *Menina Pretinha* (2016), *Minha Rapunzel tem Black* (2016) e *Barbie Black* (2018) falam sobre o racismo. "Ter falado sobre isso tão pequena foi bom, porque outras crianças novinhas que passam por isso pegam a música como referência e começam a entender o papel dela na sociedade para se empoderar", afirma a artista.

O trabalho de Mc Soffia, hoje é reconhecido internacionalmente, com indicações ao BET Awards (da Black Entertainment Television) , para melhor artista internacional novo, tendo sido citada também no livro "Resisters: 52 Young Women Making Herstory Right Now". A publicação traz 52 jovens mulheres ativistas ao redor do mundo, atuantes em diferentes áreas.



Imagem 7: Mc Soffia

Menina Pretinha (Mc Soffia)

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Devolva minhas bonecas
Quero brincar com elas
Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas?

Vou me divertir enquanto sou pequena
Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana
Como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor
Africana, como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

O meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
Canto rap por amor, essa é minha linha
Sou criança, sou negra
Também sou resistência
Racismo aqui não, se não gostou, paciência

Cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
Canto rap por amor, essa é minha linha
Sou criança, sou negra
Também sou resistência
Racismo aqui não, se não gostou, paciência

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

As artistas escolhidas para representar o “empoderamento” feminino apresentam em suas canções, como dito anteriormente, outros temas como os problemas enfrentados por moradores das periferias e problemas de relacionamento. Conforme Bajour (2012)

Na fala dos jovens e dos adultos há também uma convivência entre o dito e o não dito ou o sugerido. Em contextos marcados pela exclusão ou por diversas formas de violência, reais e simbólicas, no balanço entre o dizer e o calar geralmente predomina o silêncio como refúgio, como resistência ou como alienação da própria palavra.

As artistas selecionadas têm mostrado uma atitude bastante relevante ao tratar de tais temas em suas canções.

5. A Escola Olavo Bilac

A Escola Estadual Municipalizada Olavo Bilac foi construída em 1972 e começou a funcionar em 28/02/1974 como escola estadual. Em 25/02/1988 passa a compor a rede escolar do município de Seropédica.



Imagem 8: Escola Estadual Municipalizada Olavo Bilac

Atualmente conta com 12 salas de aula, 01 sala da direção, 01 sala de coordenação, 01 sala dos professores, 01 cozinha, 01 depósito, 01 refeitório, 01 sala de recursos, 01 sala para o projeto Mais Educação, 01 quadra poliesportiva, 01 sala de leitura (sala de vídeo), 02 banheiros, 02 vestiários, 01 sala de informática, 01 brinquedoteca, 01 varanda externa.

O corpo discente conta com 07 alunos na classe especial, 86 alunos na Educação de Jovens e Adultos; no 1º segmento do ensino fundamental 45 alunos no 4º ano e 62 alunos no 5º ano. Já no 2º segmento do ensino fundamental está subdividida em 155 alunos no 6º ano, 155 alunos no 7º ano, 73 alunos no 8º ano e 94 alunos no 9º ano.

Destes, 43 alunos pertencentes à Educação de Jovens e Adultos e 271 alunos do Ensino Fundamental (1º e 2º segmentos), são beneficiados pelo programa do governo Bolsa Família. Sendo estes dados fornecidos pela secretária escolar da unidade.

A escola está localizada no município de Seropédica, na Baixada Fluminense. A cidade, que fazia parte de Itaguaí, foi emancipada em 1997. Desde 1948, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ está sediada às margens da Rodovia Rio-São Paulo, hoje BR-465, fazendo com que o município, passasse a ter maior visibilidade e desenvolvimento.

6. A Turma 901

O grupo é composto de 30 estudantes, porém apenas 11 deles se dispuseram a participar de todas as etapas do projeto. Alguns porque os responsáveis, não autorizaram, pois imaginavam que tais atividades poderiam atrapalhar os estudos, visto que demandaria leitura de capítulos do livro escolhido para o projeto e um processo de reescrita textual na última etapa das atividades; outros por não se mostrarem confortáveis com a leitura de um texto clássico, o qual consideraram “com palavras difíceis de entender”, tampouco com a produção de rimas que culminariam com uma apresentação para toda a escola, por não considerarem ter “competência” para o mesmo ou por pura timidez.

São estudantes com idades entre 13 e 17 anos, a maioria é aluno da Unidade Escolar desde o 1º segmento do Ensino Fundamental e isso faz com que o grupo, que já se conhece há anos, possua uma intimidade adquirida com o tempo e laços fortes de amizade.

Em conversa informal antes de iniciarmos a diagnose sobre literatura e poemas, a maioria afirmou possuir acesso à Internet com planos de dados de suas operadoras em seus celulares e também via wi-fi, em casa. Metade da turma possui TV por assinatura.

O núcleo familiar médio conta com cinco pessoas e dentre os alunos presentes, oito deles informaram que ao menos um dos responsáveis possui nível superior.

Tal pesquisa foi realizada sob a forma de bate-papo, para que não fosse causado nenhum tipo de constrangimento, por este motivo os dados não foram tabulados.



Imagem 9: Turma 901

7. Metodologia

Conforme o conteúdo programático do município de Seropédica, do 2º ao 4º bimestre são indicados os gêneros textuais conto, crônica e romance. Foi escolhido o romance “Senhora” de José de Alencar para atender à exigência de conteúdo do município que contempla este gênero no 2º e 3º bimestres.

A Unidade Escolar possui uma biblioteca, também chamada de “sala de vídeo”, bastante deficiente, com pouquíssimos títulos, e, em sua maioria, livros didáticos já obsoletos. Também não há a possibilidade de solicitar a compra de livros com recursos financeiros dos alunos. Havia então dois caminhos a verificar: seleção de trechos dos livros para serem fotocopiados pela escola ou o arquivo com extensão .pdf do livro, disponível em domínio público. Para a segunda alternativa havia ainda a possibilidade de alguns alunos não disporem de acesso à Internet para que pudessem ler os livros.

A segunda alternativa mesmo com possíveis adversidades, pareceu ser a mais viável. Sendo assim, dividiu-se a turma em grupos, para que, com um prazo determinado (inicialmente duas semanas), lessem o livro escolhido, sendo um grupo de capítulos destinado a cada equipe, para que pudesse culminar em uma apresentação, uma roda de leitura, no intuito de que todos conhecessem a história e as nuances de seus personagens e que houvesse um debate profícuo a respeito.

As etapas da leitura dos capítulos foram acompanhadas por um diário de leitura, a fim de que as observações feitas pelos estudantes-leitores não se perdessem ao longo do prazo estipulado para a conclusão desta atividade.

“O regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo.” (Bajour, 2012)

Ao conversar com o mediador e com os colegas sobre o que leram há um natural “intercâmbio de sentidos” sobre o que o texto lido despertou em cada um os envolvidos.

Escutar, assim como ler, tem que ver, porém, com a vontade e com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos que nos tranquiliza ou coincide com nossos sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações ou visões de mundo. (...) Construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual. (BAJOUR, p. 24-25, 2012)

Durante o período compreendido entre a indicação da atividade e a execução da mesma, foram promovidas aulas expositivas para que os alunos tomassem ciência da importância do autor, do qual iriam conhecer um livro e aulas interativas para que a temática geradora deste projeto (o “empoderamento feminino”) pudesse ser incentivada.

Durante este período de contato inicial com o livro “*Senhora*”, de José de Alencar e de envolvimento com o tema gerador do projeto, foram apresentados, na já referida “sala de vídeo”, trechos da novela “*Essas Mulheres*”, de Marcílio de Moraes e Rosane Lima, exibida pela Rede Record de Televisão, em 149 capítulos, entre maio e outubro de 2005 e reprisada pela mesma emissora, entre 2018 e 2019. Na adaptação televisiva as histórias das três protagonistas são de certa forma, mescladas durante o desenrolar da telenovela.

Essas Mulheres é uma novela ambientada no século XIX, no Rio de Janeiro, livremente inspirada nos romances *Senhora*, *Diva* e *Lucíola*, de José de Alencar. Conta a história de mulheres excepcionais que viveram tórridos romances e tiveram suas vidas transformadas radicalmente pelo amor. (<http://recordtv.r7.com/essas-mulheres>).

A exibição dos trechos da novela despertou nos estudantes um interesse em conhecer melhor as personagens ali representadas. Foi esclarecido a eles que por tratar-se de uma adaptação televisiva alguns detalhes e mesmo o vocabulário utilizado na obra original não seriam iguais, o que para eles não pareceu ser um entrave na execução desta etapa do projeto.

A Secretaria de Educação deste município promove uma “Semana de Língua Portuguesa”, na qual os alunos da rede apresentam em suas Unidades Escolares trabalhos desenvolvidos junto aos professores das disciplinas Língua Portuguesa e Redação.

Por haver liberdade temática para o evento, pretendia-se neste momento, promover a valorização do gênero *poema*, apesar de não fazer parte do conteúdo programático da série escolar em estudo, através de uma oficina de criação de *poemas* e *canções*. Porém, por uma série de problemas estruturais na unidade, que atrasaram o calendário escolar, a “Semana de Língua Portuguesa”, acabou não ocorrendo, porém o evento “Africanidades” acolheu as produções dos estudantes.

Neste ponto, as artistas de *R.A.P.* e *hip hop*, citadas anteriormente, foram apresentadas à classe e mais uma vez colocou-se em destaque a temática “empoderamento feminino”.

Um *rapper* da região foi convidado para que pudesse estimular os alunos na criação dos textos, no arranjo das rimas e no ritmo e, assim, durante o evento de culminância, a turma apresentasse suas criações.

Os textos criados pelos alunos seguiram o tema do “empoderamento feminino” a partir de *brainstorm*, já citado no item “Iniciativa”, para que se conheça o que pensam os jovens a respeito de questões pertinentes ao assunto.

Ao professor coube mediar as rodas de conversa e auxiliar os alunos na composição de seus versos, ajustando questões de ortografia e concordância nominal e verbal com as quais tivessem alguma dificuldade.

O *rapper* convidado apresentou a cadência própria do ritmo musical que proposto: o *R.A.P.*, a fim de que ao final do bimestre os alunos estivessem prontos a se apresentar no evento escolar.

8. Aplicação - *Senhora*

Ao final do segundo bimestre de 2019, foi explicada a proposta de trabalho para a turma 901. No primeiro momento foi realizado *brainstorm* onde foram lançados os seguintes questionamentos:

“O que você pensa quando vê uma mulher em um cargo de liderança, comandando homens e mulheres?”

“O que você pensa quando assiste na TV a casos de feminicídio ou violência contra mulher?”

Para a primeira pergunta, as meninas disseram sentir “um orgulho muito grande”, “muito poder”, “maravilhosas”; já os meninos disseram achar “normal”, “moderno”. As respostas masculinas, muito sucintas, parecem trazer certo constrangimento com a situação.

Ao responder à segunda pergunta tanto meninos quanto meninas mostraram-se bastante indignados e tivemos respostas como “atitude ridícula”, “muito nojo dessa gente”, “desprezo”, entre outras do mesmo nível.

A leitura do livro *Senhora* realizada em grupos, com o prazo inicial estimado em quatro semanas. Cada grupo foi responsável por uma parte, havendo um compartilhamento do texto em sala de aula. Todos os alunos receberam o livro completo, em arquivo com extensão.pdf, através do grupo de *Whatsapp*.

De acordo com Cecília Bajour (p. 20, 2012), “a leitura compartilhada de alguns textos, sobretudo os literários, muitas vezes é uma maneira de evidenciar a ponta do *iceberg* daquilo que se sugere por meio de silêncios e palavras.(...) Quando é assim, ler se parece com escutar.”

Na primeira semana de retorno do recesso escolar, os alunos assistiram a alguns trechos da novela *Essas Mulheres*, exibida pela Rede Record de Televisão entre maio e outubro de 2005. Foi um momento de compreender, através da adaptação televisiva, um pouco da história da qual tomariam posse nas semanas seguintes. Os comentários feitos por alguns deles e as percepções individuais do que estavam assistindo constroem uma ponte de “metaescuta” para a leitura da obra original de Alencar.



Imagem 10: Exibição de trechos da novela *Essas Mulheres*



Imagem 11: Exibição de trechos da novela *Essas Mulheres*

8.1. 1ª Etapa da Leitura

O livro *Senhora*, disponibilizado em arquivo.pdf para a turma possui 144 páginas. Foi dividido em três partes, onde cada elemento do grupo seria responsável por cerca de quatro páginas.

O grupo responsável pela primeira etapa sinalizou encontrar dificuldade com a compreensão do texto, por serem utilizadas expressões que hoje não são tão utilizadas. Aos poucos, o grupo que contava com oito pessoas, reduziu-se a quatro apenas, que alegaram a desistência pela sua percepção de leitura impenetrável e incompreensível ou por assumirem estar “sem vontade” ou “com preguiça.”

Mesmo diante do texto difícil e das outras demandas escolares, os componentes restantes do grupo honraram o compromisso e, dispostos em semicírculo, deliciaram a turma com sua visão do início do livro, delineando brilhantemente os personagens, trazendo adjetivos para Adelaide, Aurélia e Seixas, como “dissimulada” “um nojo”, “cheia de ódio no coração”, “aproveitador”, entre outros, que tornaram este momento, inicialmente tenso para eles, em algo bastante interessante.



Imagem 12: 1ª etapa da leitura do livro *Senhora*



Imagem 13: 1ª etapa da leitura do livro *Senhora*

8.2 2ª Etapa da Leitura

O grupo responsável pela leitura da 2ª etapa do livro *Senhora*, compreendido entre as páginas 45 a 89, apontou como dificuldades a quantidade de páginas a serem lidas por apenas três componentes. O grupo, composto de quatro pessoas inicialmente, apresentou uma baixa, devido ao responsável da aluna não autorizar a leitura do livro e participar deste projeto, por acreditar que poderia atrapalhar os estudos da mesma.

Os alunos foram dispostos em semicírculo novamente e as três participantes do grupo, estimuladas pela professora mediadora, deram continuidade ao trabalho do primeiro grupo. Mais uma vez, o vocabulário difícil fez com que o entendimento de algumas passagens ficasse prejudicado. Apesar de terem sido orientados a utilizarem-se do dicionário, sempre que necessário esta prática não é comum nestes jovens leitores.



Imagem 14: 2ª etapa da leitura do livro *Senhora*

8.3 3ª Etapa da Leitura

A terceira e última etapa da leitura do livro *Senhora* sofreu um atraso de uma semana no cronograma inicialmente previsto, pois na data marcada, a unidade escolar sofreu com a falta

de abastecimento de água que atingiu toda a rua, o que acarretou na supressão das aulas que ocorreriam após o intervalo do almoço.

O fato inesperado promoveu ao último grupo um tempo maior para a leitura das páginas 90 a 144, o que os deixou bastante satisfeitos.

Este foi o grupo que permaneceu com o maior número de participantes (quatro pessoas) e, mais uma vez a dificuldade com o vocabulário e o acúmulo de páginas para cada integrante, devido à desistência de alguns, tornou a leitura mais penosa.

O trecho lido relatava os enjoos frequentes de Aurélia e os comentários feitos pela turma, como “de novo”, “eita”, “conta pra ele logo”, tornaram o momento bastante divertido.

Reunidos, os grupos concluíram que a história narra a vida de uma jovem muito bonita, que passa por problemas financeiros e familiares, tem uma grande decepção amorosa e assim que consegue ter posses novamente, através de uma herança torna-se vingativa e sofre muito com isso. Questionados se isso seria possível nos dias atuais, afirmaram que sim, mas que a mulher do século XXI é mais independente e mais direta e essas atitudes, segundo a visão dos alunos, têm levado a um aumento na violência contra a mulher.



Imagem 15: 3ª etapa da leitura do livro *Senhora*

9. As “Três Ondas” do Feminismo

Após concluirmos a primeira etapa do nosso estudo que destaca o feminismo dentro da Literatura, avançamos para as mulheres contemporâneas. Fez-se necessária uma ponte entre a mulher oitocentista e a da atualidade e lembrar todos os avanços alcançados pela mulher ao longo do tempo.

As escritoras Maggie Humm (1990) e Rebecca Walker (1992), citadas por *apud* Castro e Machado (2016, p.28) mostram a ideia de que o movimento feminista pode ser dividido em “três ondas”: no século XIX, no início do século XX e entre as décadas de 1960 e 1970. No Brasil, essas “ondas”, ocorreram a partir da luta pelo direito ao voto, ao divórcio, à educação e melhores condições de trabalho (os destaques deste período são a greve das costureiras de 1907 e o direito pleno ao voto em 1946); a seguir pela liberdade sexual (alavancada pelo uso de anticoncepcionais) e, finalmente, nas lutas sindicais e contra a ditadura.

Em *Quem tem medo do feminismo negro?*, Djamila Ribeiro, ressalta que a “terceira onda”, teve um novo início em 1990, alavancado por Judith Butler, quando se começou a discutir os paradigmas discutidos anteriormente. Djamila destaca a vertente do racismo, dentro do preconceito já existente contra a mulher:

As críticas de algumas dessas feministas vêm no sentido de mostrar que o discurso universal é excludente, porque as mulheres são oprimidas de modos diferentes, tornando necessário discutir gênero com recorte de classe e raça, levando em conta as especificidades de cada uma. A universalização da categoria “mulheres” tendo em vista a representação política foi feita tendo como base a mulher branca de classe média (...). Essa onda propõe a desconstrução das teorias feministas e das representações que pensam a categoria de modo binário, ou seja, masculino/feminino. (RIBEIRO, p. 45, 2018).

O feminismo negro, a partir da fundação da National Black Feminist, em 1973, ganhou vulto com literatura feminista negra e, segundo Djamila Ribeiro (2018), há uma resistência, ainda hoje, por parte de muitas feministas brancas em perceber que há especificidades das raças que as afastam.

Em uma sociedade patriarcal, a criação de gênero que simbolize o poder e de gênero que simbolize a fragilidade e o instinto maternal, faz das mulheres seres domésticos,

indicados aos afazeres do lar, passando a imagem de que o espaço público e o mercado de trabalho não são para elas.

Djamila (p. 77, 2018) fala também sobre os “intelectuais e especialistas” que acusam as militantes do combate ao racismo e as feministas, de “só saber falar disso”, como se esses grupos estivessem vitimizando os problemas que vivenciam. É inacreditável, que tais especialistas ainda separem a literatura em “feminina” e com assuntos “para mulheres” e a literatura produzida por homens como sendo universal.

Não há argumentos que possam sustentar tal categorização que, apesar de estarmos no século XXI, prende-se aos conceitos arraigados nos séculos anteriores, onde havia a literatura destinada às damas da sociedade, com seus romances adocicados e suas diretrizes para manter as mulheres dentro dos padrões esperados pelo patriarcalismo.

10. Aplicação – mulheres contemporâneas – R.A.P. e *hip-hop*

Alocados na “sala de vídeo” da Unidade Escolar, os alunos da turma 901, assistiram a alguns vídeos relacionados ao eixo temático “empoderamento feminino”. Os vídeos assistidos foram: “Feminismo – Princípios do Empoderamento Feminino – Philos TV”, “Por que você precisa do feminismo – Girl Power – Capricho”, “Padrasto Assediador – de Karyna Rangel”

Os alunos também conheceram as artistas citadas anteriormente Negra Li, Karol Conká, Nega Gizza, Dina Di e Mc Soffia. Receberam as letras das canções e conheceram um pouco da história de cada uma delas e a importância das mesmas no cenário musical de ritmos tradicionalmente masculinizados: o *R.A.P.* e o *hip-hop*.

Ao conhecer a biografia das artistas e conhecer letras de algumas canções das mesmas, os jovens externaram sua percepção sobre o que leram. Afirmaram conhecer Nega Gizza, por ser irmã de MV Bill, famoso *rapper* e afirmaram já terem ouvido falar na CUFA – Central Única das Favelas, que promove vários eventos sociais e esportivos nas comunidades. Mc Soffia teve uma boa divulgação na mídia quando surgiu no cenário musical como uma promessa do *hip-hop* e uma ativista do movimento negro com canções que falam de questões que nem sempre são tratadas por uma criança. Os estudantes afirmaram que se sentiram de fato “representados”.

A seguir os três grupos apresentariam discussão sobre os textos anteriormente recebidos.

Os moderadores dos grupos tinham a função de fomentar a discussão sobre o assunto para que o restante da turma pudesse participar e expor seu posicionamento. Porém, ao serem solicitados a iniciar o debate, não o fizeram. Alegaram que a reportagem foi lida com facilidade, mas os outros dois textos não, já que necessitavam acessar um índice de inferência maior, devido aos artigos de Djamila Ribeiro, apresentarem algumas referências que não foram assimiladas pelos alunos. Além disso, os mesmos afirmaram que apresentaram dificuldades com o vocabulário.

Desse modo, a professora mediadora optou por ler a reportagem e os artigos e estimular os alunos a expressarem suas opiniões a respeito. Os mesmos mostraram-se um tanto incomodados com o significado de “recatada”, “do lar” e, especialmente com a citação do filósofo Rousseau, presente no artigo “Bela, recatada e do lar: matéria da ‘Veja’ é tão 1792”, de Djamila Ribeiro:

“(…) passa a provar que a mulher deve ser fraca e passiva, porque tem menos força física do que o homem; e, assim, infere que ela foi feita para agradar e ser subjugada por ele e que é seu dever fazer agradável a seu mestre – sendo este o grande fim de sua existência”.

Tal citação gerou uma série de discussões sobre o lugar da mulher no mundo, seu papel na sociedade, no mercado de trabalho e nas relações afetivas, nas quais, segundo eles, são inadmissíveis a submissão e a violência.



Imagem 16: Exibição de vídeos



Imagem 17: Exibição dos vídeos

Após a discussão sobre o embate machismo x feminismo e sobre os conceitos de recato e submissão, prontamente rechaçados pela turma, foram exibidos videoclipes das cantoras Luiza Sonza, (*Nunca foi Sorte*), Iza, (*Dona de Mim*) e Kell Smith, (*Respeita as Mina*), cujas temáticas versam sobre liberdade de escolhas que a mulher pode fazer na vida, sua independência e sororidade.

A seguir, foram apresentados documentários sobre o movimento paulista *Slam Resistência* e *Slam das Minas*, do Distrito Federal para que o grupo pudesse conhecer este tipo de evento. Alguns alunos afirmaram já ter presenciado uma batalha de poesia como aquelas vistas nos vídeos.

A proposta para o 4º bimestre deste ano letivo, com a turma participante do estudo era então produzir letras de música com a temática debatida para criar uma batalha de poesias, aos moldes do movimento *poetry slam*.

11. O movimento *poetry slam*

No final da década de 1980, Mark Kelly Smith, poeta norte-americano, organizou um evento no qual ele intencionava utilizar o hábito dos saraus que aconteciam em Chicago em

competições de poesia. O evento propagou-se para outros Estados americanos e assim, representantes das periferias sentiram-se à vontade para expressar a “voz das minorias”.

Ao longo dos anos, o *Slam poetry* se transformou, tornando-se não apenas em uma “modalidade da poesia falada”, mas também um precursor da representatividade de minorias e grande influência na literatura de todos os lugares do mundo. Essas batalhas cresceram não apenas se tornando um popular jogo de poesia, mas criou-se uma identidade de resistência a partir do diálogo com as temáticas propriamente debatidas e enfrentadas por diversas comunidades, como o discurso racial, a ideologia de gênero, desigualdade social, o combate ao discurso de ódio e a contravenção ao regime opressor da atual conjuntura política. (PAIVA, p.12, 2019)

Ainda de acordo com Paiva, as batalhas de poesia obedecem a algumas regras como: apresentar apenas poemas autorais, sem que haja qualquer recurso como figurino e adereços, respeitando-se o tempo de três minutos. Decidiu-se em nosso projeto tentar obedecer ao padrão estabelecido.

O *Slam* possui uma relação intrínseca com a cultura periférica. Além da poesia como protagonista, o próprio evento se configura como uma espécie de celebração. A presença de alguns elementos do campeonato pode ser facilmente associado a eventos da cultura hip-hop, como exemplo, a presença de um DJ para intermediar as performances. Além disso, a linguagem muitas vezes coloquial e o conteúdo que constituem as poesias.(PAIVA, p. 13, 2019)

Ao falar do movimento *poetry slam* precisamos falar do *hip-hop*⁷, visto que as batalhas de poesias foram “adotadas” pelos movimentos da periferia, onde a reflexão sobre questões sociais, raciais e políticas permeiam os versos que são expressivamente declamados nestes eventos.

Os *rappers* ou *hip-hoppers*⁸ assumem o papel de “disseminadores das narrativas do cotidiano, mostrando como vivem as pessoas, quais são seus sonhos, necessidades(...)”, como ressalta Souza.

⁷ *Hip-hop* (*to hip* = balançar; *hop* = quadril) é compreendido como movimento social juvenil urbano enraizado no segmento populacional de baixo poder aquisitivo, no qual a maioria negra e jovem, historicamente ganhou força nos Estados Unidos a partir do final dos anos 1970, espalhando-se posteriormente pelas grandes metrópoles do mundo. (SOUZA, p.15, 2011)

⁸ *Rapper* ou *hip-hopper* é o termo que designa as pessoas que mantém relações com o universo do *hip-hop*, por meio de qualquer uma de suas expressões (Lindolfo Filho, Jovino, 2005, *apud* Souza p. 16, 2011)

Dentro de uma concepção *bakhtiniana*, a palavra emitida pela voz dos *rappers* é o resultado das interações entre os indivíduos que compartilham o mesmo contexto social. A relação dialógica entre os integrantes de um grupo resultam em um enunciado único que representa a voz daquela comunidade comunicativa. Como em uma analogia feita por Lindolfo Filho (2004 *apud* Souza, p. 61, 2011), os *rappers* “são os *griots* do terceiro milênio”, pois “tematizam o cotidiano, aconselham, denunciam, ensinam, tomando como referência aspectos do meio social, político, econômico e cultural em que vivem.”

Os eventos de *slam*, assim como os de *hip-hop* geralmente ocorrem em espaços públicos como praças, bares, metrô ou em locais destinados a esta prática. Os campeonatos de *poetry slam* são anunciados e posteriormente divulgados nas redes sociais.

Por seu caráter “alternativo”, poderia se encaixar nas características da literatura marginal, por ser concebida por autores que não fazem parte do mercado literário comercial, utilizarem-se de linguagem coloquial (com algumas exceções) e possuírem um viés primordialmente ideológico.

11.1. *Slam* das Minas

O movimento *Slam das Minas* é um dos mais importantes grupos criados para divulgação de poesias, apresentadas no formato de batalhas. Surgiu no Distrito Federal, mas possui vertentes em São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro e outros Estados.

Suas composições versam sobre problemas do cotidiano, como machismo, assédio, discriminação e violência contra a mulher.

Em entrevista concedida ao site www.escrevendoofuturo.org.br, Pâmela Araújo e Carolina Peixoto, integrantes do grupo de São Paulo, afirmam que costumam oferecer oficinas de criação de *slam* em escolas da Zona Sul de São Paulo e percebem que a proximidade do *funk*, do *R.A.P.* e do *hip hop* despertam na criança e no adolescente o prazer na criação de poemas, que foram recitados por eles mesmos, segundo elas “muito bem construídos, com um cunho político muito forte. E são crianças de um dos bairros mais carentes da cidade.”



Imagem 18: *Slam das Minas*

12. Poesia – ritmo e métrica

Nas pesquisas iniciais para este trabalho, os alunos participantes foram questionados sobre sua experiência com poemas. As respostas oscilaram entre “acho chato”, “acho bonito” e “gostaria de musicá-lo”.

Para iniciarmos a produção de poemas e chegarmos à culminância com a batalha *slam*, foi necessário trazermos os conceitos de ritmo, métrica e rima que utilizados durante este processo.

Até o início de nosso século, valorizava-se, sobretudo, a contagem silábica dos versos. Mais recentemente, esta noção associa-se à das unidades rítmicas que, de certo modo, abrange a anterior. A nova posição crítica permite analisar o ritmo do verso livre, inovação modernista que não segue nenhuma regra métrica, apresentando um ritmo novo, liberado e imprevisível. Ao se ler um poema, o verso se destaca já a partir da disposição gráfica na página. Cada verso ocupa uma linha, marcada por um ritmo específico. Um conjunto de versos compõe a estrofe, dentro da qual pode surgir outro postulado métrico: a rima, ou seja, a semelhança sonora no final de diferentes versos. (GOLDSTEIN, p.4, 1998)

A métrica é, de certo modo, exterior ao poema. Ao compor, o poeta decide se vai, ou não, obedecer às leis métricas que seriam um suporte ou ponto de apoio. Nada mais que isso. Graças à criatividade do artista, depois de pronto, o poema tem um ritmo que lhe é próprio. O ritmo pode decorrer da métrica, ou seja, do tipo de verso

escolhido pelo poeta. Ele pode resultar ainda de uma série de efeitos sonoros ou jogo de repetições. O poema reúne o conjunto de recursos que o poeta escolhe e organiza dentro de seu texto. (GOLDSTEIN, p.5,1998)

Para construir poemas com a intenção de transformá-los em canções fez-se necessário este tipo de conhecimento para que o arranjo musical se adequasse à parte escrita.

No livro “Versos, Sons e Ritmos”, de Norma Goldstein, há uma exemplificação desta necessidade de organização rítmica e métrica, através de uma canção de Chico Buarque:

A musicalidade (sugestão de música e ritmo) pode partir do título, algumas vezes. Como na letra da canção *A banda*, de Chico Buarque de Holanda. O nome indica música, multidão, festejo. A partir daí, fica-se na expectativa de um texto que contenha estas sugestões. É o que acaba acontecendo. A banda passa e altera a vida das pessoas: o triste vira alegre; o velho se torna criança; o que está parado começa a se movimentar. A temática está apoiada no ritmo do texto: simples, curto, contagiante:

Estava à toa na vida,

O meu amor me chamou,

Pra ver a banda passar

Cantando coisas de amor.

O ouvinte capta o apelo do texto, graças à harmonização de todos os seus elementos, um dos quais, o ritmo. É possível começar a percebê-lo, através da marcação das sílabas poéticas:

Es- TA- va~à -TO- a- na- VI (da)

O- meu- a- MOR- me- cha- MOU

Pra- ver- a- BAN- da- pas- SAR

Can- tan- do- COI- sas- de a- MOR.

As sílabas destacadas são fortes; as outras, fracas. Se usarmos os sinais de maiúsculas e minúsculas, respectivamente para sílabas fortes e fracas, ocorrerá o

seguinte:

Es- TA- va~à -TO- a- na- VI (da)

O- MEU- a- MOR- me- cha- MOU

Pra- VER- a- BAN- da- pas- SAR

Can= TAN- do- COI- sas de~a - MOR.

O ritmo simples e repetitivo facilita a memorização. Trata-se, aqui, do ritmo da letra da canção, sem levar em conta a sua melodia, ou seja, comenta-se o texto apenas enquanto poema.

Além do jogo da alternância entre sílabas fortes e fracas - que vem a ser a cadência do poema -, há outros efeitos sonoros. A repetição de letras, por exemplo:

EsTava à Toa na vida

O Meu amor Me chamou

Pra ver a banda Passar

Cantando Coisas de amor.

Você percebe as seguintes repetições: o som "I", na primeira linha ou primeiro verso; o som "M" no segundo verso; o som "P", no terceiro; e o som "Q" (grafado "c") no quarto. Em todos os versos há um outro som que se repete: a vogal "A":

EstAvA A toA nA vidA

O meu Amor me chAmou

Prá ver A bANdA pAssAr

CANtANdo coisAs de Amor.

Tal observação sobre os conceitos de métrica, ritmo e rima, foram necessários no momento da organização do material que seria utilizado na batalha *slam*.

13. Oficina de criação de *R.A.P.*

Uma antiga professora da Escola Estadual Municipalizada Olavo Bilac, ex-colega da mediadora deste projeto, havia levado à mesma escola, há alguns anos, um *rapper* da região. Na ocasião, a professora trabalhava com uma turma de 6º ano, visto que o gênero textual é contemplado nessa série escolar. Talvez por imaturidade dos estudantes, bem jovens, na faixa dos 10 a 12 anos de idade a oficina promovida pelo *rapper* não tenha causado um entusiasmo por parte do grupo.

A mediadora deste projeto recordando-se deste evento promovido pela colega, fez contato com tal professora, que então, serviu como ponte para que o encontro com Obadias de Lima Guimarães, o Badu, acontecesse.

Em 30 de outubro, o músico gentilmente compareceu à Unidade Escolar, onde foi recebido pela equipe diretiva.

Para a turma 901 foi uma surpresa, pois eles sabiam que havia a possibilidade da intervenção de Badu, mas não sabiam quando e nem mesmo se o que foi planejado daria certo.

Badu contou um pouco de sua história como ex-aluno da escola, seus problemas disciplinares, que perduraram ao atingir o Ensino Médio, quando além de poeta, tornou-se grafiteiro.



Imagem 19: Badu conversa com a turma.

Um professor o levou para o mundo da música. Ele estudou e hoje é instrutor de música em escolas da região e fotógrafo.

O mesmo trouxe algumas dicas sobre métrica e ritmo para que os alunos pudessem começar a escrever.

Ao escutar, ver e ler os movimentos da linguagem no *hip hop*, em especial nas práticas dos MCs que cantam o *R.A.P.*, é possível perceber o acento apreciativo anunciado por Bakhtin, que afirma que sem ele não hpa palavra. No *R.A.P.*, a palavra aparece como motor de ação dos sujeitos que, por meio da língua em funcionamento, agem no mundo construindo e constituindo identidades que se formam e transformam continuamente. (...) O *R.A.P.* é um dos gêneros no qual podemos observar a brincadeira com a linguagem que sustenta um dizer que é autônomo, contestador, contra-hegemônico e promotor de um conhecimento mobilizador. Mesmo quando um *R.A.P.* é lido, a sonoridade está presente de forma tão fundamental que é possível “ouvi-lo”. A subversão da escrita por meio da oralização, confere ao *R.A.P.* uma originalidade e autonomia perante a escrita escolarizada que mostra a inventividade e a agência de sujeitos que querem expressar as peculiaridades da vida marginalizada, por meio de uma escrita também “marginal”. (SOUZA, 2011, p. 118-119)

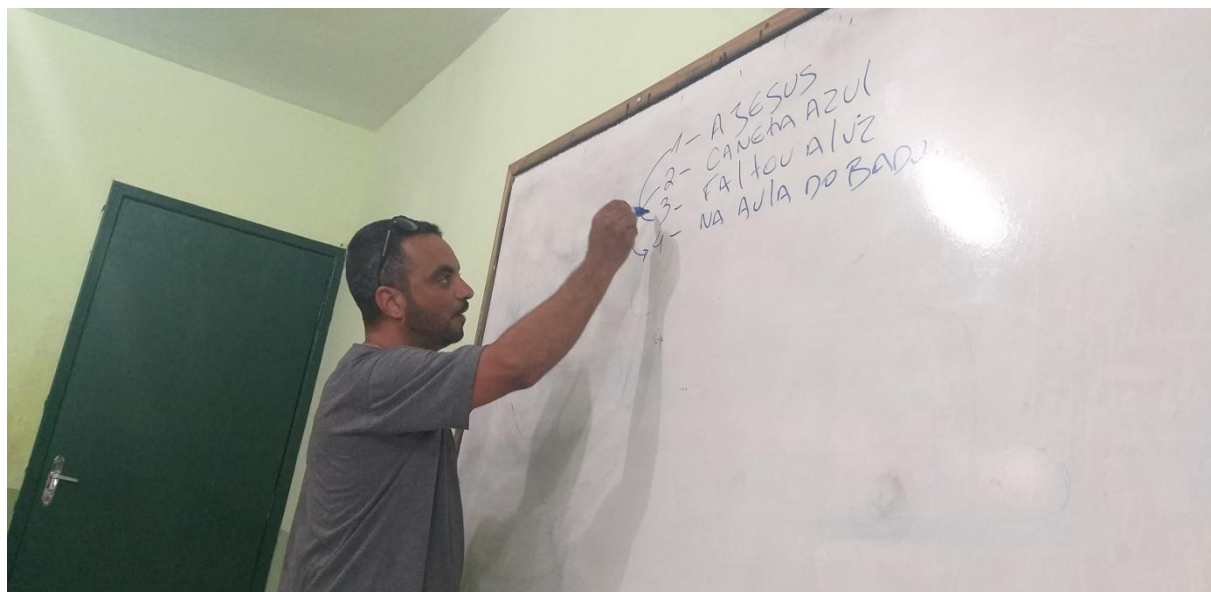


Imagem 20: Seleção de palavras-chave para trabalhar métrica e ritmo

A participação foi efetiva e a partir daí surgiram muitos momentos contagiantes de superação da timidez e de autoconhecimento. “Eu não sei escrever”, “eu não posso”, foram substituídos por textos que mostravam a personalidade de cada um.

Esse momento concatena com os estudos de Erik Erickson (*apud* Corti, Souza, 2012, p. 21) teórico da Psicologia, que afirma que no início da adolescência a criança já adquiriu a linguagem, as regras sociais e o pensamento abstrato dos adultos.

A construção da identidade apresenta uma dimensão biológica, uma dimensão individual e uma social – todas independentes.(...)

Até o início da adolescência, o indivíduo foi ampliando seu repertório de vivências e habilidades. A partir daí tratará de dar-lhes um sentido singular, passando a adotar uma perspectiva sobre a sua própria vida. Todo esse processo só é possível porque ele já possui um conjunto complexo de habilidades cognitivas e intelectuais. Ao descobrir suas habilidades, preferências e características, o adolescente passa a confrontar a imagem que constrói de si próprio com as imagens que os outros lhe atribuem. (Corti, Souza, 2012, p. 21)



Imagem 21: Proposta de criação de rimas

As primeiras produções realizadas ainda durante a oficina tratavam sobre os mais variados assuntos: ambições profissionais, violência contra a mulher e racismo. A seguir algumas amostras de textos produzidos na ocasião.

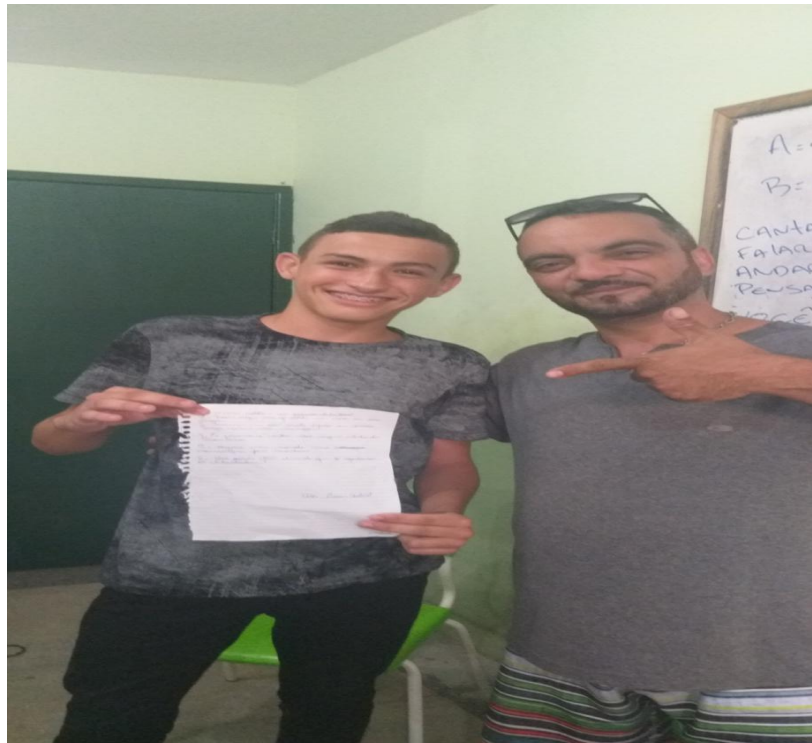


Imagem 22: Aluno mostra sua produção

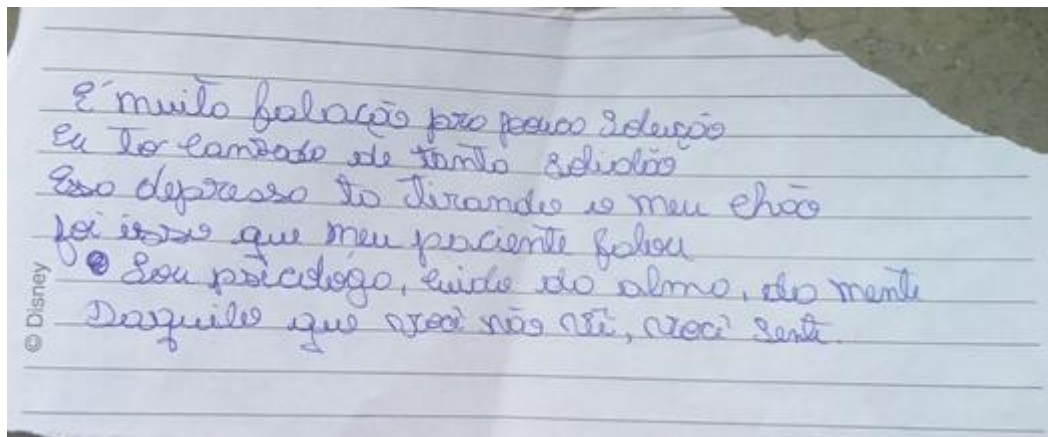


Imagem 23: Produção de aluno

a culpa da violência contra a mulher
é do machismo que por sua vez
faltam leis mais severas
para este tipo de crime.

mulher foi criada por Deus
para ser amada e não para ser
maltratada e violentada!

Imagem 24: Produção de aluno

Esse papel de escrever
 muitos sabem que é bastão
 poucos sabem que é um choro
 e dura demais para toda vida

|| ||

mulher ~~é~~ negra

mulher negra não se acostuma com os termos
 depreciativos
 não é melhor ter cabelo liso, mais fino
 nessas traças faciais são como letras de um
 documento
 que mantem certo o maior crime de todos os tempos

Racismo

ninguém nasce racista
 são os adultos que ensinam isso
 O meu cabelo não é ruim,
 ruim é esse seu racismo

|| || ||

não precisamos de um dia de consciência negra, pa
 a semana
 não precisamos de 365 dias
 para que exista a consciência humana

Imagem 25: Produção de aluno



Imagem 26: Turma 901 e o rapper Badu

14. Produção de poemas

A professora mediadora acordou com a turma que na semana seguinte daria início à produção dos poemas que se tornariam objetos da batalha *slam* e também alguns exemplos de *rap*. A apresentação da batalha ficou agendada para 22 de novembro, momento da culminância do projeto “Africanidades” que a escola promove interdisciplinarmente entre Filosofia, Geografia e História.

Porém, a escola ficou durante uma semana às escuras, devido a um problema em sua rede elétrica, sendo os alunos dispensados mais cedo diariamente.

Imbuídos de uma responsabilidade atípica para os adolescentes, os alunos reclamavam a todo instante do prejuízo que estavam tendo perdendo aulas e combinaram com a professora de preparar suas produções textuais em casa e encaminhá-las através de mensagens de texto

no aplicativo Whatsapp. Os textos eram recebidos, as intervenções eram feitas pela mediadora e devolvidos a seguir para que seus autores os concluíssem.

Sendo assim, tão logo o problema de energia elétrica foi sanado e as aulas retornaram, a turma pode realizar os ensaios para a apresentação com os textos que haviam sido previamente encaminhados à professora junto a uma “batida *boom bap*”⁹ que pudesse auxiliá-los na marcação rítmica.

Os poemas versavam sobre o poder feminino e também sobre o racismo, para que pudessem “conversar” com a temática do evento onde seriam apresentados.

15. Apresentação do *slam*

Em 22 de novembro, o evento “Africanidades” ocorreu na Unidade Escolar. Foi dividido em apresentações nas salas temáticas, onde os estudantes apresentaram trabalhos sobre cultura, religião e curiosidades. Na segunda etapa, na quadra esportiva da escola, ocorreram apresentações de dança e música.

O encerramento foi com a batalha *slam*.

Alguns dos alunos que haviam se prontificado a participar, tendo inclusive escrito textos para tal, desistiram, movidos pela timidez do momento. Argumentou-se para que não desistissem na etapa final, mas não havia porque insistir para que participassem já que não se sentiam à vontade para tal. Restaram então apenas oito participantes.

O júri, composto por três professores e o público, formado pelos alunos e pela diretora geral da unidade, puderam também se manifestar.

Antes de iniciar a apresentação foi percebido que o equipamento de som da escola não estava em boas condições de uso, pois apresentava chiados e o microfone um som muitíssimo baixo. Uma aluna prontificou-se a ir até sua casa buscar um pequeno aparelho com entrada *USB* e *Bluetooth*, porém dada a amplitude da quadra, infelizmente não surtiu muito efeito.

⁹ O termo “boom bap” é uma onomatopeia que representa os sons usados para o bumbo e o tarol, respectivamente. O estilo é geralmente reconhecido por um *loop* de bateria principal que usa uma amostra de bumbo acústico contundente nos *downbeats*. (<https://www.discogs.com/style/boom+bap>)

Adaptando-se ao problema encontrado, os jovens foram apresentando suas poesias, um a um, sendo ovacionados pelos cerca de 200 estudantes presentes.



Imagem 27: Parte da plateia



Imagem 28: Aluna apresentando poesia



Imagem 29: Aluno apresentando poesia



Imagem 30: Anúncio do resultado da batalha

A vencedora da batalha apresentou o poema “Mulher Guerreira”.

Mulher guerreira

Forte e companheira

Sai para trabalhar de segunda a sexta-feira

Mulher guerreira

De todas as idades

Merecem respeito e felicidade

Nesse mundo machista e infiel

A mulher é perfeita e sabe o seu papel

Nesse mundo discriminador e machista

As mulheres são cobradas por serem motoristas

No mundo em que vivemos

A mulher tem talento

Mas merece respeito

Por que tem sentimento

Foi perceptível o sentimento da aluna de orgulho ao concluir uma proposta de trabalho, apresentando-se para toda a escola, vencendo a timidez inicial que foi natural a todos os que se apresentaram e ser agraciada com a vitória.

O texto apresenta algumas rimas e cadência na leitura, demonstra um desejo da aluna em ressaltar o valor da mulher na sociedade e a necessidade de abolição do machismo e do preconceito.

A professora providenciou alguns brindes para os participantes que comemoraram o final de dois bimestres de estudos sobre o tema proposto.

16. Avaliação do trabalho

Na aula posterior à apresentação foi solicitado aos alunos que fizessem uma avaliação de todo o percurso, desde a preparação e a leitura do livro *Senhora*, a exibição dos vídeos sobre o movimento feminista, a oficina de criação de *rap* com o *rapper* Badu, a criação dos primeiros poemas e a culminância com a batalha *slam*.

Seguem alguns relatos abaixo:

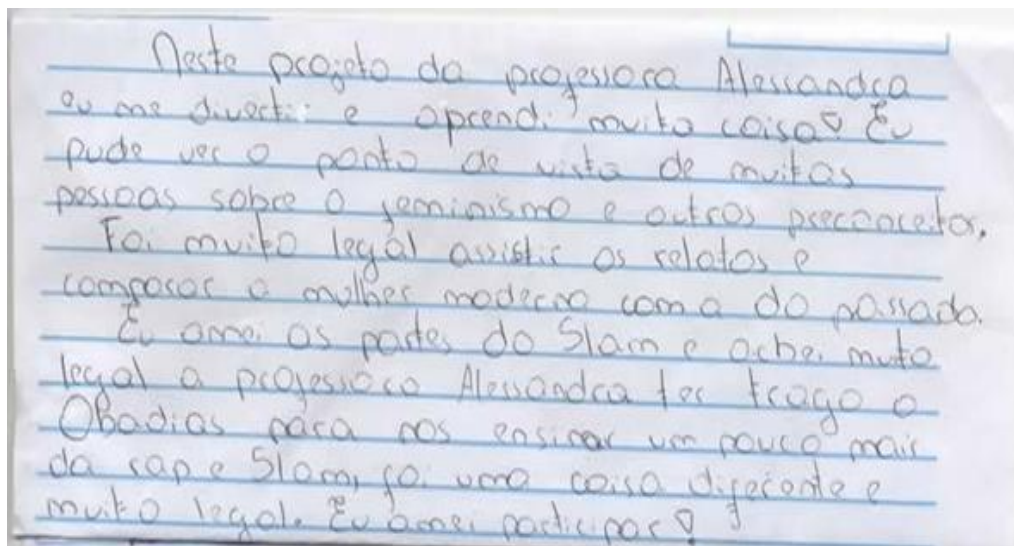


Imagem 31: Relato de aluno

foi muito de ler a lista Senhora porque conta uma história bem diferente que normalmente acontece nos tempos passados; bem diferente de muitas mulheres de antigamente que eram praticamente vendidas para homens para se tornar suas esposas, com Lúrcia aconteceu uma situação diferente ao invés da "esposa compra-la", foi Lúrcia que a comprou.

Com o Bode ter dado aquele aula de rap, me ajudou bastante na hora de reproduzir a minha vida.

As aulas sobre feminismo ficaram lindas, pena que alguns alunos não participaram. Eu fiquei bastante motivada a lutar cada dia mais contra o machismo.

Líbei muito tap o projeto fazia tudo de novo porém tirando alguns problemas de responsabilidade de alguns componentes do grupo, além disso tornaria fazer o projeto todo.

Salve o texto "Senhora": A professora nos cantou sobre a história e fiquei bem interessado, mas ao ler o livro devido a linguagem achei bem chato, mas o trabalho foi bem interessante, oh apresentações foi bem interessantes mas foi legal.

Reação aos vídeos feministas: Achei vídeos bem interessantes um pouco ruins muito murmuraria a todos nós.

Oficina do BADU: Foi super importante para nós antes dele eu nem sabia como era o rap direito!! ele ensinou super bem, sem ele não conseguiria.

Apresentação do Slam: Foi uma experiência super legal e cristina me senti bem espinal na frente de todos foi legal disputar versos com meus amigos!!

Diferença entre a mulher contemporânea e a de época: A mulher de hoje em dia tem bem mais autonomia, independência e etc, bem diferente da mulher oitocentista que tinha que estar no padrão de "Realeza e do lar".

Imagem 33: Relato de aluno

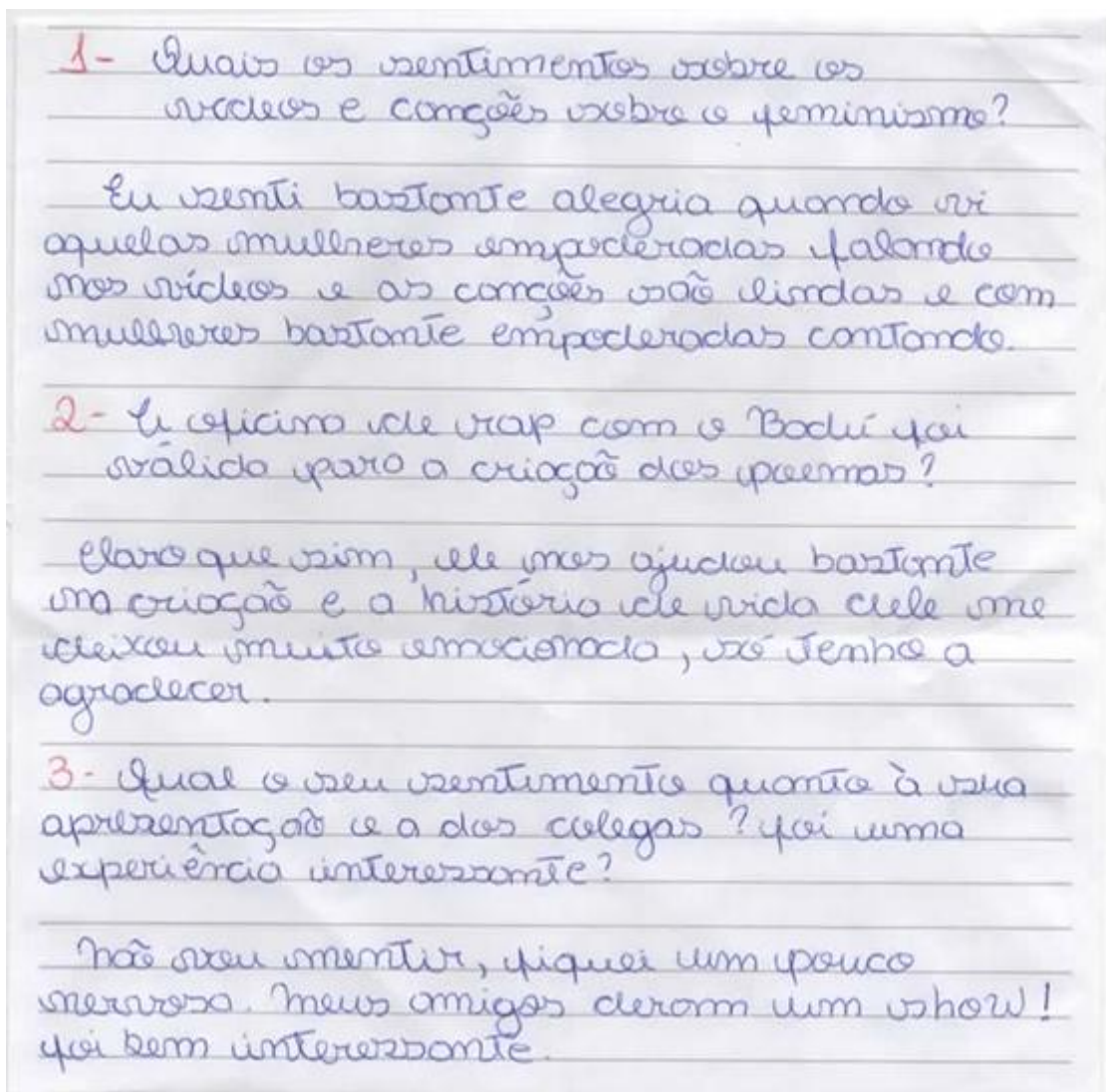


Imagem 34: Relato de aluno

Os relatos são quase unânimes no que se referem à dificuldade da leitura do livro *Senhora* e do quão interessante foram a oficina de *slam* e a culminância. Entende-se que haveria necessidade de um maior aproveitamento do texto de Alencar com uma leitura com intervenções da mediadora no que se refere à adaptação vocabular e à interpretação textual, pois as mesmas exigiam do leitor uma fluência e um nível inferencial superior ao encontrado na turma.

Lendo os textos percebe-se que o objetivo de fazer uma reflexão sobre as diferenças da mulher oitocentista, retratada em um romance ficcional e os exemplos trazidos nas letras de canções de artistas contemporâneas e nos artigos escritos sobre o eixo norteador do trabalho, “empoderamento feminino” foi atingido de certa forma. É notório que a “timidez” relatada

pelos alunos é um fator que impediu um desenvolvimento maior do trabalho com a participação de mais integrantes da turma.

Nos anexos deste trabalho é possível conhecer alguns dos poemas participantes da batalha *slam*.

Os alunos 1 e 2 trabalha com rimas bastante cadenciadas com a temática bastante explícita da necessidade do respeito à mulher e da valorização de sua independência. E apesar de não ter havido um tempo hábil para trabalhar intensivamente a métrica e o ritmo devido às intercorrências de cunho estrutural da escola, houve um bom aproveitamento da imersão mediada no tema norteador deste trabalho, fato que se percebe pelas produções apresentadas.

17. Conclusão

A literatura nacional nos deixou grandes nomes. Em todos os estilos, do barroco ao contemporâneo, da prosa a poesia, sempre encontraremos grandes autores nacionais que são conhecidos internacionalmente.

José de Alencar é um destes. Representante do Romantismo brasileiro foi jornalista, advogado e dramaturgo. Dentre seus romances de temática urbana, selecionou-se *Senhora*, por se tratar de uma história protagonizada por uma mulher que demonstrou possuir uma forte personalidade.

Falar sobre o “empoderamento feminino” tornou-se o objetivo desta pesquisa, visto que o tema está em voga e é de inegável relevância. Infelizmente, a violência contra a mulher e o feminicídio também precisaram ser citados, pois fazem parte do noticiário com uma frequência absurda.

É crucial fomentar nos jovens um debate sobre tal assunto. O adolescente, que em muitas das vezes presencia violência e desrespeito dentro do ambiente familiar, precisa começar a se posicionar de maneira contumaz em face a tais problemas e, como ser em formação, merece ter a oportunidade de aprender o que é e o que não é aceitável pela sociedade.

Conforme a pesquisa realizada no início do projeto, a maioria não tem a leitura como uma rotina e, portanto, trazer como proposta estudar uma obra clássica, escrita no século XVIII, não parecia ser uma boa ideia. A proposta de participar de um projeto acadêmico trouxe “brilho ao olhar” de alguns, que prontamente se ofereceram para participar, mas a

timidez, característica de muitos adolescentes, impediu a participação de alguns. Outros não puderam participar por não terem sido autorizados pelos pais.

Desde o início a turma sabia que era necessário que os responsáveis precisavam assinar documentos timbrados da universidade, chamados “termos de consentimento”, o que deixou claro que lhes era facultado o direito de desistir no meio do projeto ou simplesmente não participar. Os responsáveis são bastante presentes na escola, tendo alguns ido até lá para conversar com a mediadora e pedir esclarecimentos. Porém, a não participação destes não os impedia de assistir a todas as etapas do projeto, visto que eram realizadas durante o horário das aulas regulares. Assim, mesmo que não pudessem produzir, absorviam tudo o que lhes era apresentado.

Orientados pela professora, incentivados pelos colegas, a primeira etapa, que consistia na leitura partilhada do livro *Senhora*, foi concluída com êxito, apesar da desistência de alguns integrantes dos grupos formados. Ficou bastante claro que a falta de tempo para uma boa execução desta etapa acabou por prejudicá-la e de certa forma, o trabalho com a obra de José de Alencar não foi bem explorado. Houve bastante interesse pela história, inclusive por parte daqueles não efetivos no trabalho, as leituras partilhadas foram muito divertidas com comentários bem-humorados por parte dos alunos, o que fez da leitura algo mais leve.

Por ser um texto de linguagem considerada difícil pelos alunos, o ideal seria fazer intervenções mais longas e mediadas para que pudessem ser esclarecidas dúvidas vocabulares que viessem a interferir na compreensão da história antes da apresentação de cada equipe na sala.

Traçou-se ali o perfil da mulher oitocentista, apresentada em obra ficcional: submissa de certa forma, mas com opiniões e desejos.

A pesquisa traz um recorte temático bastante amplo, pois desde o princípio propôs-se falar da mulher do passado em contraste com a mulher do presente, utilizando-se da leitura de uma obra cânone e da produção de poemas contemporâneos. Apesar de dispares, os dois polos da pesquisa mostraram-se passíveis de unificação, através da temática de fundo: o papel da mulher na sociedade.

Para ligar períodos tão distintos fez-se necessário falar sobre a história do feminismo e um esperado *brainstorm* aconteceu durante a leitura de artigos e reportagens e exibição de

vídeos sobre o assunto. Neste momento os jovens, já envolvidos no projeto, puderam externar tudo o que pensavam sobre o que estavam vendo e ouvindo sobre preconceito contra a mulher, sobre submissão, valorização, direitos iguais e outros assuntos da mesma linha. Debate muito rico e partilhado por todos, inclusive os que não estavam com participação efetiva. E isto foi importante como inspiração para as produções que viriam a seguir.

A participação do *rapper* da região, Obadias de Lima, o Badu, incentivou a criação de poemas que foram surgindo timidamente durante a oficina de criação proporcionada por ele e ganhando maior proporção à medida que os alunos insistiam em aprimorar o que estavam fazendo. Em pouco menos que duas horas, o artista conseguiu cativar aos adolescentes com as histórias de sua vida e ensinando-lhes um pouco de sua arte e de sua técnica.

A culminância trouxe um resultado bastante satisfatório, conforme os depoimentos dos alunos, já citados. São carregados de emoção e um sentimento de “dever cumprido”.

O que se pode depreender sobre o desenvolvimento da pesquisa:

- Possibilitou a leitura de obra clássica durante o ensino fundamental público, o que é algo muito difícil de acontecer, por falta de interesse dos alunos e falta de recursos físicos e tecnológicos na escola, que facilitem tal experiência;

- Apresentou debates polêmicos aos estudantes que acarretam em um natural amadurecimento intelectual;

- Aproximou os jovens da poesia, através da contemporaneidade do *slam*;

Durante todo o processo, que durou dois bimestres, ficou bastante clara a utilização metacognitivista de algumas das “Competências do Século XXI”. Tais habilidades foram apresentadas por Phillippe Perrenaud em seu livro *Dez Novas Competências para Ensinar: convite à viagem*.



Imagem 35: Matriz de Competências para o século XXI – Instituto Ayrton Senna (SEEDUC/RJ)

Iniciou-se com a “Abertura para o novo”, na qual o estudante esteve disposto a realizar uma leitura bem distante do que lhe seria habitual e a seguir “Responsabilidade” para cumprir o que havia se proposto a fazer.

O “Pensamento Crítico” lhes foi exigido na análise sobre os textos e vídeos acerca do feminismo e também ao discutirem as motivações das personagens de Senhora; “Criatividade” para criar seus poemas; “Resolução de problemas” para sanar as dificuldades na execução tanto da primeira quanto da segunda etapa.

“Autoconhecimento” e “Comunicação” ficaram claros durante a apresentação do *slam*.

O letramento adquirido com a cultura periférica do *hip-hop* foi levado para uma escola situada na Baixada Fluminense, onde há problemas de infraestrutura que permeiam o município, como mobiliário deficiente e falta de equipamentos tecnológicos. A criação dos poemas é “uma forma de experimentar e apropriar-se de conhecimentos e saberes socialmente construídos e, nesse sentido, os usos da linguagem ganham importância fundamental.” (SOUZA, 2011 p. 80).

De maneira geral, as ações desenvolvidas coletivamente envolvem também a discussão de questões pertinente às questões estruturais de vida da comunidade ou ainda em proposições de atuação para a melhoria local, como campanhas e ações

solidárias e reivindicações junto ao poder público, configurando-se em novos usos da linguagem escrita e oral.

Não raras vezes, é a partir do envolvimento em espaços não escolarizados de educação que os usos da linguagem escrita são valorizados, pois ganham sentidos do cotidiano. (SOUZA, 2011 p.81)

Roxanne Rojo (2012, p.30) nos lembra de alguns movimentos pedagógicos, como por exemplo, a “prática situada” na qual o projeto didático leva em consideração práticas da cultura dos alunos, sobre a qual ocorre uma análise dessas vivências, fazendo um “enquadramento dos letramentos críticos”, partindo dos princípios de pluralidade e diversidade cultural que deverão ser considerados.

Se considerarmos a sociedade como uma contínua construção que requer instituições e regras sociais mais ou menos estáveis, podemos dizer que o jovem chega depois a esse mundo.(...) Faz parte de sua condição social estar mais desapegado e aberto a novas experiências do que os adultos. (SOUZA, 2011 p. 20)

É notório então, que o resultado desta pesquisa não se encerra no que foi descrito nos parágrafos precedentes a esta seção, pois o conhecimento difundido durante o percurso deixa um legado para a vida de cada estudante que se propôs, gentilmente, a participar deste estudo.

Bibliografia

A HISTÓRIA do hip hop. *Portal Educação*. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/nutricao/a-historia-do-hip-hop/48433>.

Acesso em: 19/10/2019

ADICHIE, Chimamanda Nigozi. Tradução: BAUM, Christina. *Sejamos todos feministas*. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

ALENCAR, José de. *Senhora*. 6ª edição. São Paulo. FTD, 1999.

ALMEIDA, Marina. *Slam das Minas: mulheres na batalha poética. Escrevendo o futuro*, 2017. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/slam-das-minas>. Acesso em 27/09/2019

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense, Brasília, 2017.

AMORIM, Alexandre. *Ler uma canção, escutar um poema*. In: Educação Pública – Biblioteca CECIERJ, 2010. <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/literatura>. Acesso em 29/07/2020

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas Entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução: MORALES, Alexandre. Coleção Gato Letrado. Pulo do Gato, São Paulo, 2012.

BASE NACIONAL CURRICULAR. *A Etapa do Ensino Fundamental no Contexto da Educação Básica. A Área de Linguagens. Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em 21/07/2020.

BELLEI, Ana Caroline Eiras Coelho. *Moça educada, mulher civilizada, esposa feliz: Relações de Gênero e História em José de Alencar*. Resenha, publicada em *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*. v. 6, n. 2

(maio/ago. 2014) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2014. ISSN: 1984-6150 - www.fafich.ufmg.br/temporalidades/revista

BONADIO, Rick, SANTOS, Keylla Cristina dos. *Respeita as mina*. In: Kell Smith (EP).Intérprete: Kell Smith. São Paulo: Midas Music, 2017. Faixa 1. (3m14s). Disponível em: https://youtu.be/vjzKTYZMO_8. Acesso em 19/10/2019

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Língua Portuguesa. Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC/SEF, 1998.

_____. *Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990*. Casa Civil. Presidência da República Federativa do Brasil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 25 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8072compilada.htm. Acesso em 30/03/2019

_____. *Lei nº 11340, de 07 de agosto de 2006*. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao>. Acesso em 30/03/2019

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. In: *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMARA JÚNIOR, J. Matoso. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis. Vozes, 23ª edição, p. 210, 2002.

CANAL PHYLOS. *Feminismo: Princípios do Empoderamento Feminino*. 2016. (04m00s). Disponível em: <https://youtu.be/zLqy9IT5yiM>. Acesso em 19/10/2019

CANDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. São Paulo. Ouro sobre Azul, 2005.

CANTORA de R.A.P. morre em São Paulo após contrair infecção hospitalar. G1. São Paulo. Disponível em: <http://g1.globo.com/noticias/musica/0,,mul1540223-7085,00->

cantora+de+rap+morre+em+sao+paulo+apos+contrair+infeccao+hospitalar.html. Acesso em: 07/12/2019.

CAPELAS, Heloísa. *E você, sabe o que é empoderamento feminino?* Disponível em : . Acesso em 27/11/2019

CAPRICHIO. *Por que você precisa do feminismo?*.2016 (2h45s). Disponível em: <https://youtu.be/vfQ3nilvLgY>. Acesso em 19/10/2019

CARMO, Beatriz. *A pobreza brasileira tem cor e é preta*. Nexo Jornal, 18/11/2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2017/A-pobreza-brasileira-tem-cor-e-%C3%A9-preta>. Acesso em 10/12/18.

CARTA CAPITAL. *Bela, recatada e do lar*: matéria da “Veja” é tão 1792. Disponível em : <https://www.cartacapital.com.br/politica/bela-recatada-e-do-lar-materia-da-veja-e-cao-1792/>. Acesso em 28 de setembro de 2019.

_____. *Slam Resistência: Revolução através da poesia*. 2016 (3m46s). Disponível em: <https://youtu.be/L4UqTST3Uqk>. Acesso em 19/10/2019

CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga. *Movimento Feminista no Brasil e América Latina: Reflexões sobre Educação e Mulheres*. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 16 - n. 1 - Itajaí, jan-abr 2016

COMO surgiram os ritmos funk e rap? *Superinteressante*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/como-surgiram-os-ritmos-funk-e-rap/>. Acesso em 22/11/18)

CORRÊA, Pitter, SILVA, Aguinaldo *et al.* *Nunca foi sorte*. In: *O Sétimo Guardião*, vol. 2. Intérprete: Luísa Sonza. Rio de Janeiro: Som Livre, 2019. Faixa 4. (3m32s). Disponível em: <https://youtu.be/d8ASvYzdmEQ>. Acesso em 19/10/2019

CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa, 2012.

DAHRENDORF, Malte. *Literarische Wirkung und Literaturdidaktik*. In.: Baumgartner, Alfred Clemens (Hrgs.) *Lesen – ein Handbuch*. Hamburg. Verlag für Buchmarkt, 1974, p.248.

DESCRIÇÃO da música boom bap. *Discogs.com*. Disponível em <https://www.discogs.com/style/boom+bap>. Acesso em 25/11/2019

FONSECA, Maria Fernanda, et. al. *O Femicídio como uma manifestação das relações de poder entre os gêneros*. JURIS, Rio Grande, v. 28, n. 1, p. 49-65, 2018.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 13ª ed. – 3ª imp. – São Paulo: Editora Ática, p.4-5,1998.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ática, 1999.

LINHARES, Juliana. *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*. Revista Veja. Edição de 18 de abril de 2016. Disponível em <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acessado: 28 de setembro de 2019.

MARIA, Paula. *Nota 10 é Dina Di: força independente, filha da mãe, elo da corrente. Valkírias*. Disponível em: <http://valkirias.com.br/nota-10-e-dina-di-forca-independente-filha-da-mae-elo-da-corrente/>. Acesso em: 07/12/2019

MARQUES, Arthur. *Dona de Mim*. In: *Dona de Mim*. Intérprete: Iza. Rio de Janeiro: Warner Music, 2018. Faixa 11 (4m35s). Disponível em: https://youtu.be/FnGfgb_YNE8. Acesso em 19/10/2019

MÉDICI, Júlia; CASTRO, Clariana; MONTEIRO, Tiago. *O Futuro é Feminino: O empoderamento feminino por meio da música*. Instituto Federal do Rio de Janeiro, Nilópolis, RJ. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017.

MORAES, Orlinda Cláudia, MANSO, Flávia Vastano (Org.). *Dossiê Mulher: 2018*. 13ª versão. Rio de Janeiro: Rio Segurança. Instituto de Segurança Pública (ISP – RJ), 2018. Disponível em: <http://www.isp.rj.gov.br>. Acesso em:

MORAES, Renata Ribeiro. *Cinco Políticas Públicas que ajudam a Leitura e Literatura no Brasil*. Coletivo do Leitor. Disponível em: <http://www.coletivoleitor.com.br>. Acesso em: 30/03/2019.

NASCIMENTO, Caio. *Minhas músicas não são para virar chiclete, quero falar de estudo, diz Mc Soffia*. Estadão. Disponível em: [https:// emails.estadao.com.br/noticias/gente](https://emails.estadao.com.br/noticias/gente). Acesso em 07/12/2019

NETO, Renato Drummond Tapioca. *A “Rainha do Lar” e A “Mulher da Vida”*: A construção das imagens femininas em José de Alencar . Revista Litterata, Ilhéus | vol. 8/1 | jan.-jun. 2018 | ISSN eletrônico 2526-4850.

OLIVEIRA, Lucas. *MC Carol une forças com Karol Conka para falar de feminismo em single*. O Globo, 06/10/2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/mc-carol-une-forcas-com-karol-conka-para-falar-de-feminismo-em-single>. Acesso em: 27/04/2018

ONERPM. *Slam das Minas: Mel Duarte – Exposta*. 2018(1m39s). Disponível em: <https://youtu.be/18ptqGyPMDU>. Acessado em 19/10/2019

_____. *Slam das Minas: Manifesta*. 2018 (2m35s). Disponível em: <https://youtu.be/xLJWFiGYNwo>. Acessado em 19/10/2019/

PAIVA, Edson Prazeres Ribeiro. *Batalhas de Poesia Slam: Representatividade Sócio-literária / Edson Prazeres Ribeiro Paiva*. - João Pessoa, 2019

PERFIL do acadêmico. *José de Alencar*. Disponível em: <http://www.academiaorg.br>. Acesso em 27/11/2018.

PERRENAUD, Phillipe. Tradução: Patrícia Chittoni RAMOS. *Dez novas competências para ensinar: convite à viagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000

RANGEL, Karyna. *Padrasto Assediador*. 2017(5m03s). Disponível em: <https://youtu.be/PqigPaA50Ec>. Acesso em: 19/10/2019

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro*. São Paulo. Companhia das Letras, 2018.

ROJO, R.H.; MOURA, E (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p.30.

ROZÁRIO, Mayara. *100 mulheres no hip hop que você não pode deixar de conhecer em 2018*. Raplogia. Disponível em: <https://raplogia.com.br/mulheres-no-hip-hop>. Acesso em: 07/12/2019

ROUXEL, Annie. *Aspectos metodológicos do ensino de literatura*. In: DALVI, Maria Amélia, REZENDE, Neide Luzia et. al. *Leitura de Literatura na Escola*. São Pauo. Parábola, 2013.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO – SEEDUC/RJ e SEEDUC/SC. *Cadernos do Estudante*. Ensino Médio Integral. 1ª série/3º bimestre, 2016.

SENA, Gilvania. *A Transgressão Feminina em Senhora e Lucíola de José de Alencar*. São Paulo. Biblioteca 24 Horas, 2013

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al . *A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais*. Rev. SBPH, Rio de Janeiro , v. 8, n. 2, p. 65-76, dez. 2005 . Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>

SILVA, Aguinaldo et al. *Nunca Foi Sorte*. Intérprete: Luísa Sonza. *In:Nunca foi Sorte*. 2018. Rio de Janeiro. Universal Music. *Single*

SILVA, Gustavo. *Dina Di: Saudosa rainha do rap*. *La Parola*, 05/06/2015. Disponível em: <https://laparola.com.br/dina-di-a-saudosa-rainha-do-rap>. Acesso em: 07/12/2019

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo. Parábola, 2011.

UMA mulher é vítima de feminicídio a cada sete dias no rio de janeiro, aponta ISP. G1. Rio de Janeiro. Disponível em : <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/>. Acesso em: 30/03/2019

ZILBERMAN, Regina. *A Leitura e o Ensino da Literatura*. São Paulo. Contexto, 1988.

Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice.

Por **Juliana Linhares** access_time 18 abr 2016, 19h14



Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos (Bruno Poletti/Folhapress)

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido

por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janela no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”. Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: “De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir”.

Michel Temer é um homem de sorte.

Bela, recatada e do lar: matéria da ‘Veja’ é tão 1792



20 DE ABRIL DE 2016

Nesta semana a revista *Veja* fez uma matéria com Marcela Temer, esposa de Michel de Temer e, logo na manchete, a definiu assim: bela, recatada e do lar. O texto soava elogioso ao fato de Marcela ser discreta, falar pouco e usar saias na altura do joelho. Para boa feminista, meia imposição basta.

Fica evidente a tentativa da revista de fazer uma oposição ao que Dilma representa. Uma mulher aguerrida, forte, fora do padrão imposto do que se entende que uma mulher deve se comportar. Mas, é como se dissessem: mulher boa é a esposa, a primeira dama, a “que está por trás de um grande homem”.

É evidente a misoginia da qual a presidenta Dilma vem sendo alvo. Um homem no lugar dela não teria a capacidade questionada e nem sofreria ataques tão violentos como os que Dilma vem sofrendo daqueles que não respeitam a legalidade.

(...).

A matéria de *Veja* confirma isso ao enaltecer Marcela Temer como a mulher que todas deveriam ser, à sombra, nunca à frente. Destaco que não critico aqui Marcela e mulheres que possuem estilo parecido. O problema é julgar que esse modelo deve ser o padrão.

É não respeitar a mulher como ser humano, alguém que pode estar num lugar de liderança, e que tem o direito de ser como quiser sem julgamentos à sua moral ou capacidade.

Quando li a matéria me lembrei das revistas “femininas” da década de 50 que criavam estereótipos da dona de casa feliz, porém sempre arrumada e maquiada. Mas aí também lembrei que em 1792, Mary Wollstonecraft, escritora, já criticava essas imposições no livro *Reivindicação dos direitos da mulher*”, considerado um clássico feminista e publicado recentemente pela Boitempo Editorial.

Sobretudo no capítulo intitulado “Censuras a alguns dos escritores que têm tornado as mulheres objetos de piedade, quase de desprezo”, Wollstonecraft critica o modo pelo qual alguns escritores e pensadores retratam a mulher. Mesmo aqueles considerados iluministas, em relação à mulher não faziam uso da razão.

Em um trecho no qual critica o filósofo Rousseau, diz: “(...) passa a provar que a mulher deve ser fraca e passiva, porque tem menos força física do que o homem; e, assim, infere que ela foi feita para agradar e ser subjugada por ele e que é seu dever fazer agradável a seu mestre – sendo este o grande fim de sua existência”.

O lado bom da reportagem foi a campanha virtual que feministas lançaram logo após a matéria ir ao ar. Várias estão postando fotos fazendo coisas que a sociedade acredita não serem para uma mulher com a *hashtag* *bela, recata e do lar*.

Há fotos com mulheres bebendo, no bar, trabalhando, com roupas curtas, com o objetivo de mostrar que lugar de mulher deveria ser onde ela escolhe estar. Percebe-se como, apesar de alguns avanços que tivemos, a mentalidade machista perdura e é ainda tão 1792...

O mito da mulher moderna por Djamila Ribeiro

Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, refuta o que chama de “eterno feminino”, imposições criadas acerca do “ser mulher” em nossa sociedade, comportamentos esperados baseados numa visão determinista. A visão, por exemplo, de que mulheres são naturalmente frágeis, maternais, sensíveis, ligadas ao ambiente doméstico.

No mesmo livro, Beauvoir fala da importância de não pensarmos a situação em termos de felicidade, mas de oportunidades concretas. Numa sociedade machista, o ideal de felicidade também carrega esses valores. Quando partimos da condição concreta, conseguimos de fato explicitar as desigualdades e apontar o menor número de possibilidades oferecidas às mulheres.

Em dado momento, Beauvoir fala da “mulher moderna”, assim entre aspas, pois em relação à definição também foi criado um modelo. Nos anos 1950, as revistas publicavam propagandas de donas de casa com seus aspiradores de pó e eletrodomésticos como a representação da mulher moderna e feliz.

Quando se atualiza a preocupação de Beauvoir, podemos apontar diversas propagandas que glorificam a mulher moderna, aquela que consegue dar conta de tudo e ainda manter um sorriso no rosto. Ela trabalha, é bem-sucedida, cuida da casa, dos filhos e consegue estar bonita – leia-se magra, para o marido. De fato, o que mudou? Muitas mulheres sentem-se antenadas por possuir um smartphone, aplicativos que a avisam quando será o dia da menstruação, a geladeira de inox com dispositivo de gelo do lado de fora, fogão que desliga o forno sozinho, sem se darem conta de que são ainda as responsáveis por fazer as compras, limpar a geladeira e cozinhar, por mais moderno que o eletrodoméstico seja.

Há aqui a confusão de atrelar valores democráticos a valores capitalistas. De confundir emancipação com ascensão econômica. Ela trabalha fora, mas quando chega em casa ainda é responsável por cuidar dos filhos e precisa se ocupar dos afazeres domésticos. A mentalidade de fato não mudou, os mecanismos de opressão tão somente se atualizaram.

Fora isso, e mais prejudicial: cria-se a ideia de que ser bem-sucedida é possuir os mesmos direitos que o homem branco e não romper com as lógicas da opressão. É fazer parte do sistema sem transformá-lo de fato. Essas mulheres que perseguem esse ideal não estão necessariamente preocupadas com as negras e pobres que trabalham em suas casas. Em discutir as várias possibilidades de ser mulher e enxergar seus privilégios.

Para Beauvoir e diversas feministas negras como Angela Davis, a emancipação precisa ser radical. Não é emancipação iludir-se com novas tecnologias, enquanto persiste a divisão sexual do trabalho, enquanto o eterno feminino se impõe. E muito menos seguir numa lógica de exclusão com outros grupos. Nesse sentido, é preciso cuidar para que os conceitos e ferramentas políticas pensadas por feministas diversas não sejam esvaziados de sentido. Atentar-se para o interesse de marcas com a questão – na maioria das vezes, superficial e temporário. Logo, é fundamental questionar as marcas que se envolvem com o tema, confirmar se existe política de diversidade na empresa, se existem programas para mulheres que são mães, para além da camiseta inscrita girl power.

Obviamente, existe uma relação dialética: se hoje há um interesse maior por essas pautas, é porque os movimentos ao longo da história têm conseguido tirar das sombras questões extremamente importantes. Trazer à tona algumas problemáticas é o primeiro passo para a dignidade de certos grupos. É preciso nomear, nos ensinaram as feministas negras. Há de se cuidar, no entanto, para não ocorrer uma apropriação puramente mercadológica e incapaz de produzir mudanças de fato. Em outras palavras, é urgente pensar para além da representatividade, inegavelmente importante, mas cheia de limites.

De volta a Beauvoir: precisamos discutir a partir da experiência vivida, da concretude. Enquanto persistirem as desigualdades e as imposições de papéis sociais, não será possível considerar nenhuma mulher moderna, por mais que ela tenha o último modelo de smartphone, produzido dentro da lógica capitalista de exploração. E o mesmo acontece enquanto acreditarmos que o progresso está ligado à manutenção de desigualdades para o benefício de um grupo social.

Pensar feminismos é pensar projetos. É discutir outro modelo de sociedade pautado em novos marcos civilizatórios. Essa é a utopia pensada por Davis que precisamos almejar.

PRODUÇÕES DOS ALUNOS:

A mina merece glória

Pelas lutas e vitórias

A mina é valente

E é sim independente

Então todo amor e louvor

Para a mina que tanto merece valor (Aluno 1)

Respeita as minas

Se tu prestar atenção elas te ensina

Que você não precisa ser menina

Nem mulherzinha

Pra repetir as minas (Aluno 2)

Nunca Foi Sorte (Luísa Sonza)¹⁰

Quem disse que futebol é coisa pra menino?
Quem disse que azul é a cor que ele tem que usar?
Um homem que é homem de verdade cria um filho
Mostrando pra ele o que a vida tem pra dar

Não quero cumplicidade mas quero respeito
A porta do carro não precisa abrir pra mim
Porque se ele quer que o filho seja um bom sujeito
Joga o machismo fora, abre a mente e faz assim

Dança, rebola, requebra
Empina essa bunda, vai até o chão
Não liga pra o que eles falam
Não para, não para, não para
Ai, não para, não

Mexe, remexe, se joga embaixo, em cima
Pra lá e pra cá
Vai no passinho, vai no quadradinho
Pra frente, pra trás, onde o som te levar

Pede, se não ouvir, repete
Se não der, pondere
Quebre o gelo, ponha-se no seu lugar
Mostre que nunca foi sorte
Que além de forte
É talento, é dom, ninguém pode tirar

Pede, se não ouvir, repete
Se não der, pondere
Quebre o gelo, ponha-se no seu lugar
Mostre que nunca foi sorte
Que além de forte
É talento, é dom, ninguém pode tirar

Quem disse que futebol é coisa pra menino?
Quem disse que azul é a cor que ele tem que usar?
Um homem que é homem de verdade cria um filho
Mostrando pra ele o que a vida tem pra dar

Não quero cumplicidade mas quero respeito
A porta do carro não precisa abrir pra mim
Porque se ele quer que o filho seja um bom sujeito
Joga o machismo fora, abre a mente e faz assim

¹⁰ CORRÊA, Pitter, SILVA, Aguinaldo *et al.* *Nunca foi sorte*. In: *O Sétimo Guardiã*, vol. 2. Intérprete: Luísa Sonza. Rio de Janeiro: Som Livre, 2019. Faixa 4.

Dança, rebola, requebra
Empina essa bunda, vai até o chão
Não liga pra o que eles falam
Não para, não para, não para
Ai, não para, não

Mexe, remexe, se joga embaixo, em cima
Pra lá e pra cá
Vai no passinho, vai no quadradinho
Pra frente, pra trás, onde o som te levar

Pede, se não ouvir, repete
Se não der, pondere
Quebre o gelo, ponha-se no seu lugar
Mostre que nunca foi sorte
Que além de forte
É talento, é dom, ninguém pode tirar

Pede, se não ouvir, repete
Se não der, pondere
Quebre o gelo, ponha-se no seu lugar
Mostre que nunca foi sorte
Que além de forte
É talento, é dom, ninguém pode tirar

Respeita as Mina (Kell Smith)¹¹

Short, esmalte, saia, mini blusa, brinco, bota de camurça, e o batom? 'Tá combinando!
Uma deusa, louca, feiticeira, alma de guerreira
Sabe que sabe e já chega sambando
Calça o tênis, se tiver afim, toda toda Swag, do hip-hop ao reggae
Não faço pra buscar aprovação alheia
Se fosse pra te agradar a coisa 'tava feia
Então mais atenção, com a sua opinião
Quem entendeu levanta a mão

Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso direito de ser
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso direito de ser

Sim respeito é bom, bom
Flores também são
Mas não quando são dadas só no dia 08/03
Comemoração não é bem a questão
Dá uma segurada e aprende outra vez
Saio e gasto um dim, sou feliz assim
Me viro, ganho menos e não perco um rolezin
'Cê fica em choque por saber que eu não sou submissa
E quando eu tenho voz 'cê grita "ah lá a feminista!"
Não aguenta pressão, arruma confusão
Para que 'tá feio, irmão!

Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso direito de ser
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras, nosso direito de ser

Não leva na maldade não, não lutamos por inversão
Igualdade é o x da questão, então aumenta o som
Em nome das Marias, Quitérias, da Penha Silva
Empoderadas, revolucionárias, ativistas
Deixem nossas meninas serem super heroínas
Pra que nasça uma Joana d'Arc por dia
Como diria Frida "eu não me Kahlo!"

¹¹ BONADIO, Rick, SANTOS, Keylla Cristina dos. *Respeita as mina*. In: Kell Smith (EP). Intérprete: Kell Smith. São Paulo: Midas Music, 2017. Faixa 1

Junto com o bonde saio pra luta e não me abalo
O grito antes preso na garganta já não me consome
É pra acabar com o machismo, e não pra aniquilar os homens
Quero andar sozinha, porque a escolha é minha
Sem ser desrespeitada e assediada a cada esquina
Que possa soar bem
Correr como uma menina
Jogar como uma menina
Dirigir como menina
Ter a força de uma menina
Se não for por mim, mude por sua mãe ou filha

Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso direito de ser
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso direito de ser

Dona de mim (IZA)¹²

Já me perdi tentando me encontrar
Já fui embora querendo nem voltar
Penso duas vezes antes de falar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Sempre fiquei quieta, agora vou falar
Se você tem boca, aprende a usar
Sei do meu valor e a cotação é dólar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo não

Sempre dou o meu jeitin
É bruto, mas é com carin
Porque Deus me fez assim
Dona de mim
Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

Já não me importa a sua opinião
O seu conceito não altera minha visão
Foi tanto sim que agora eu digo não
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Quero saber só do que me faz bem
Papo furado não me entretém
Não me limite que eu quero ir além
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo não

Sempre dou o meu jeitin
É bruto, mas é com carin
Porque Deus me fez assim
Dona de mim
Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

¹² MARQUES, Arthur. *Dona de Mim*. In: *Dona de Mim*. Intérprete: Iza. Rio de Janeiro: Warner Music, 2018. Faixa 11

Ah ah ah
Yeah yeah
Ah ah ah
Ah ah ah (yeah yeah)
Ah ah ah
Ai ai ai
Ai ai ai, ai ai ai
Yeah, yeah, yeah